GLAURA:

POEMAS EROTICOS;

DE

MANOEL IGNACIO DA SILVA
ALVARENGA,

Bacharel pela Universidade de Coimbra, e Professor de Rhetorica no Rio de Janeiro.

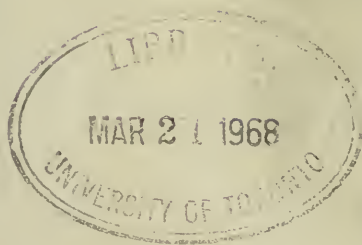
NA ARCADIA,

ALCINDO PALMIRENO.

LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA.

ANNO M. DCCCI.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

AVISO DO EDITOR.

PErſuadido de que o Público eſtimará os Poemas Eroticos, que lhe offereço, me reſolvi a pôr na frente o nome do Poeta para ſatisfazer á curioſidade dos Leitores. Eſta liberdade, que tomei, poderá offender a hum Amigo, que me confiou, como em ſegredo, a ſua Obra; mas eu tive juſtos motivos, que me hão de deſculpar, eſperando, que o acolhimento das peſſoas intelligentes lhe ſerá de mais pezo, do que os vãos effeitos de huma delicadeza demaſiada. Aſſim podeſſe eu dar á luz outras muitas Compoſições, que vi, do meſmo Auctor, e que provavelmente ſerão victimas do ſeu deſgoſto!

G L A U R A:

POEMAS EROTICOS

DE HUM AMERICANO.

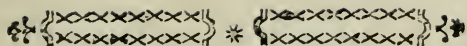
Carminibus quæro miſerarum oblivia rerum:
Præmia ſi ſtudio conſequar iſta ſat eſt.

Ovid.

Χαίροιτε λοιπὸν ἡμῖν
Ἥρωες· ἡ λύρη γὰρ
Μόνους Ἔρωτας ᾄδει.

Ἀνακρέων.

Adeos, ó Herões; que em fim
Nas cordas da doce Lyra
Só respira o terno Amor.

Anacreonte.

G L A U R A:

POEMAS EROTICOS.

ANACREONTE.

Rondó I.

DE teu canto a graça pura,
E a ternura não conſigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal reſpira os ſons de Amor.

Quando as cordas lhe mudaſte,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Eſgotaſte o claro humor.

O

O ruîdo lisongeiro
Destas agoas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.

Neste bosque desgraçado
Móra o Odio, e vil se nutre
Magra Inveja, negro Abutre
Esfaimado, e tragador.

Não excita meus affectos
Gnido, Paphos, nem Cythéra:
Vejo a Serpe, ouço a Panthéra...
Oh que objectos de terror!

De

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.

Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco,
E no peito frio, e rouco
A alma chora, e cresce a dôr.

Surda morte nestes ares
Enlutada, e triste vejo,
E se entrega o meu desejo
Dos prazeres ao rigor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.

Dos

Dos Heróes te despediste,
Por quem Musa eterna sôa;
Mas de flores na corôa
Inda existe o teu louvor.

De agradar-te sou contente:
Sacro Loiro não me inflamma:
Da Mangueira (*) a nova rama
Orne a frente do Pastor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce Lyra
Mal respira os sons de Amor.

(*) Alta, e muito copada Arvore de excellentes pômos do Brasil.

A LUZ DO SOL.

Rondó II.

LUz do Sól, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Quando puro se derrama
Vivo ardor no ameno prado,
Pelas brenhas foge o gado
Verde rama a procurar.

E se o Astro luminoso
Deixa tudo em sombra fusca
Triste-então o abrigo busca
Vagaroso a ruminar.

Luz

Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Lavrador, que afflicto, e velho
Vbre o campo endurecido,
Ver deseja sobmergido
O vermelho Sol no mar.

E se o humido negrume
Tolda os Ceos, e os valles banha,
Fita os olhos na montanha,
Onde o lume vê raiar.

Luz do Sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Pe-

Pela tarde mais ardente
O Paſtor eſtima as grutas,
Onde penhas nunca enxutas
Vê contente gotejar.

E ſe as trevas no horizonte
Deſenrolão negro manto,
Com ſaudoſo, e flebil canto
Faz o monte reſonar.

Luz do Sol, quanto és formoſa,
Quem te goza não conhece;
Mas ſe deſce a noite fria,
Principia a ſuſpirar.

Aſſim Glaura, que inflammada
Perſeguio Aves ligeiras,
Quer á ſombra das Manguèiras
Deſcançada reſpirar.

En-

Entre Rifos, entre Amores,
Se lhe falta o dia, chora,
E vem cedo a ver a Aurora
Sobre as flores orvalhar.

Luz do Sol, como és formósa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

O CAJUEIRO.

Rondó III.

C*Ajueiro desgraçado,*
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor.

No

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no Ceo desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.

Para fructos não concorre
Este valle ingrato, e sêcco
Hum se enruga murcho, e pêco,
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor!

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces fructos
De amarella, e rubra côr?

Ser copado, ſer florente
Vem da terra precioſa;
Vem da mão induſtrioſa
Do prudente Agricultor.

Cajueiro deſgraçado,
A que Fado te entregaſte;
Pois brotaſte em terra dura
Sem cultura, e ſem ſenhor!

Freſco orvalho os máis ſuſtenta
Sem temer o Sol activo;
Só ao triſte ſemivivo
Não alenta o doce humor.

Curta folha mal te veſte
Na eſtação do lindo Agoſto,
E te deixa nú, e expoſto
Ao celeſte intenſo ardor.

Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura, e sem senhor!

Mas se esteril te arruinas;
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao Pastor.

Que a Fortuna he quem exalta;
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro desgraçado,
A que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura, e sem senhor!

O POMBO.

Rondò IV.

O *Meu Pombo, a quem amava,*
Igualava ao branco arminho:
Do ſeu ninho (oh deſventura!)
Que mão dura o foi roubar?

Na manhã clara, e ſerena,
Se o achava dormitando,
O ſeu ſomno doce, e brando
Tinha pena de turbar.

Que ſaudade me conſome!
Ai de mim! Se me ſentia,
O biquinho logo abria
Para a fome ſaciar.

O meu Pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho:
Do ſeu ninho (oh deſventura!)
Que mão dura o foi roubar?

Era manſo, era amoroſo;
E as caricias conhecendo;
Deſejava eſtremecendo
Ser mimoſo em agradar.

O receio já preságo
Me dizia na floreſta,
Que o tornaſſe pela féſta
Com affago a viſitar.

O meu Pombo, a quem amava;
Igualava ao branco arminho:
Do ſeu ninho (oh deſventura!)
Que mão dura o foi roubar?

Glaura, oh Ceos! porque cedeste
A meus rogos? dize agora,
„ Pobres dons d' hũa Pastora
„ Não quizeste conservar!

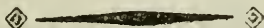
Esta magoa me atormenta,
E não sei como inda vivo;
Pois se busco lenitivo
Mais se augmenta o suspirar.

O meu Pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho:
Do seu ninho (oh desventura!)
Que mão dura o foi roubar?

Não me alegra o doce encanto,
Nem affino a curva Lyra
Tudo sente, e tudo inspira
O meu pranto, o meu pezar.

O

O deſtino por piedade
Me converta em pura fonte,
Porque poſſa neſte monte
A ſaudade eternizar.

O meu Pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho:
Do ſeu ninho (oh deſventura!)
Que mão dura o foi roubar?

A SERPENTE.

Rondó V.

VErde Cedro, verde arbuſto,
Que o meu ſuſto, e prazer viſtes,
Vamos triſtes na memoria
Eſſa hiſtoria renovar.

Eſ-

Eſte o valle, he eſta a fonte:
Glaura achei aqui dormindo:
Sonha alegre, e ſe eſtá rindo,
E eu defronte a ſuſpirar.

Junto della pavoroſo,
Vi, oh Ceos! monſtro enrolado,
Féro, enorme, atroz, manchado,
E eſcamoſo ſcintillar.

Verde Cedro, verde arbuſto,
Que o meu ſuſto, e prazer viſtes,
Vamos triſtes na memoria
Eſſa hiſtoria renovar.

Ardo, e tremo, e louco amante
Mil horrores n'alma pinto:
Vou..., receio..., ah que me ſinto
Vacilante deſmaiar.

Ven-

Vence Amor: (doce ternura!)
Tomo a Nynfa nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E aſſegura o tryunfar.

Verde Cedro, verde arbusto,
Que o meu ſusto, e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Eſſa gloria renovar.

Em ſi meſma ſe embaraça
A ſerpente enfurecida;
Ergue o cóllo, e attrevida
Ameaça a terra, e o ar.

N'hũa pedra rude, e feia
Já lhe envio a morte affoita;
Já co' a cauda o tronco açoita,
Morde a areia a o eſpirar.

Ver-

Verde Cedro, verde arbuſto,
Que o meu ſuſto, e prazer viſtes,
Vamos triſtes na memoria
Eſſa hiſtoria renovar.

Venturoſo, e ſatisfeito,
„ Glaura bella, (então dizia)
„ Vê de amor, e de alegria
„ O meu peito palpitar.

Ella em mim buſcando arrîmo,
Córa, e diz inda aſſuſtada,
„ Eſſe puro ardor me agrada,
„ Eu te eſtimo, e te hei de amar.

Verde Cedro, verde arbuſto,
Que o meu ſuſto, e prazer viſtes,
Vamos triſtes na memoria
Eſſa hiſtoria renovar.

A PRAIA.

Rondó VI.

Quem por ti de amor deſmaia,
Neſta praia geme, e chora:
Vem, Paſtora, por piedade
A ſaudade conſolar.

Não recreão ſempre os montes
Co' as delicias de Amalthéa;
Vem, ó Glaura, a ruiva arêa,
Rio, e fontes animar.

Nynfa ingrata, não te eſcondas;
Teme os aſperos abrolhos;
E com teus ſerenos olhos
Vem as ondas acalmar.

Quem

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.

Mergulhão verás ligeiro,
Como cahe precipitado,
E o peixinho prateado
Leva inteiro a devorar.

Vem, cruel, não te detenhas,
Não me roubes a ventura;
Vem, que já com mais brandura
Estas penhas lava o mar.

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A saudade consolar.

N'hum

N'hum rochedo vi dois ninhos;
Já são teus eſſes penhores;
E entre conchas, entre flores
Os Pombinhos has de achar.

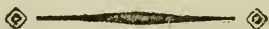
Murchárão os dons mais bellos
Da ſuave Primavera,
Se não vens, ó dura, e fera
Teus cabellos enlaçar.

Quem por ti de amor deſmaia,
Nesta praia geme, e chora:
Vem, Pastora, por piedade
A ſaudade conſolar.

Vem a ver eſte remanſo,
Eſtas arvores ſombrias,
Onde, ai! triſte, ai! longos dias,
Não deſcanço de eſperar.

Se

Se o amar te foi delicto,
E te agrada o meu tormento;
Vem ouvir o meu lamento,
Meu afflicto ſuſpirar.

Quem por ti de amor deſmaia,
Neſta praia geme, e chora:
Vem, Paſtora, por piedade
A ſaudade conſolar.

O BEIJA-FLOR.

Rondó VII.

DEixo, ó Glaura, a triſte lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem ſe entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Neſte boſque alegre, e rindo
Sou amante afortunado;
E deſejo ſer mudado
No mais lindo Beija-flor.

Todo o corpo n'hum inſtante
Se atenûa, exhála, e perde:
He já de oiro, prata, e verde
A brilhante, e nova côr.

Deixo, ô Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem ſe entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Vejo as pennas, e a figura,
Provo as azas, dando gyros;
Acompanhãome os ſuſpiros,
E a ternura do Paſtor.

E

E n'hum vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso, e perolas esconde
O suave, e puro Amor.

Deixo, ó Glaura, á triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Tóco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permitte;
He o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor.

Já me chamas attrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
He fingido o meu temor.

Dei-

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem ſe entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Se disfarças os meus erros,
E me ſóltas por piedade;
Não eſtimo a liberdade,
Buſco os ferros por favor.

Não me julgues innocente;
Nem abrandes meu caſtigo;
Que ſou barbaro inimigo,
Inſolente, e roubador.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem ſe entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

A LEMBRANÇA SAUDOSA.

Rondó VIII.

COnſervai, muſgoſas ſenhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a conſolar.

Repouſavas, Glaura, hum dia
Neſte leito de verdura,
E eſta fonte bella, e pura
Mal ſe ouvia murmurar.

Eu vi Zefiro ſaudoſo,
Pelas Nynfas conduzido,
Sobre as azas ſuſpendido
Amoroſo reſpirar.

Con-

Conſervai, muſgoſas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a conſolar.

Vi mil candidos Amores,
E mil Risos namorados,
Da Mangueira pendurados
Lindas flores desfolhar.

Os hirſutos Faunos broncos,
A quem move tal portento,
Reprimindo o tardo alento
Pelos troncos vi trepar.

Conſervai, muſgoſas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a conſolar.

Deo-me o prado florecente
Goivos, murta, roza, e lyrio;
Venho, ó Ninfa, em meu delirio
Tua frente a coroar.

Sem rumor com susto chego...
Géla o sangue... já não pulsa,
Nem se attreve a mão convulsa
Teu socego a perturbar.

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a consolar.

De ternura, amor, e gosto
Entre o timido embaraço,
Fiquei mudo longo espaço
No teu rosto a contemplar.

Mas

Mas as lagrimas podérão
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu ſeio
Te fizerão deſpertar.

Conſervai, muſgoſas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria, que inda existe,
Torne hum triste a conſolar.

O BEIJA-FLOR.

Rondó IX.

BEija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Mal toquei, ó Glaura bella,
(De prazer eu me confundo)
Nesse cravo rubicundo,
Que ama, e zéla o mesmo Amor.

No teu puro, e brando seio
Por castigo me encerravas;
Eu me ria, e tu pensavas
Ver-me cheio de temor.

Bei-

Beija-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Minha vóz não entendeste;
E querendo ver-me afflicto,
Por vingança d' hum delicto
Me fizeste o bem maior.

A prizão, em que me via,
Era o templo da ternura,
Onde em braços da Ventura
Não temia o teu rigor.

Beija-flor fui amoroso;
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Alva mão ... eu me enterneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servirte me condenas;
He sem preço o teu favor.

Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo... que martyrio!
Nem procuro o branco Lyrio,
Nem da rosa a viva côr.

Beijá-flor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje he triste, e desgraçado
O sonhado Beija-flor.

Ir comtigo só desejo;
Es cruel... cruel me agradas;
Chcro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu Pastor.

Ah

Ah que eu morro de ſaudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E he verdade a minha dor.

Beija-flor fui amoroſo;
E ditoſo já me viste;
Hoje he triste, e deſgraçado
O ſonhado Beija-flor.

O AMANTE INFELIZ.

Rondó X.

GLaura! Glaura! não refpondes?
E te efcondes neftas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento fem igual!

Ao Amor cruel, e efquivo
Entreguei minha efperança,
Que me pinta na lembrança
Mais activo o féro mal.

Não verás em peito amante
Coração de mais ternura;
Nem que guarde fé mais pura,
Mais conftante, e mais leal.

Glau-

Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!

Se não vens, porque te chamo;
Aqui deixo junto ao Rio
Estas perolas n'hum fio,
Este ramo de coral.

Entre a murta, que se enlaça
Com as flores mais mimosas,
Acharás purpureas rosas
N'hũa taça de cristal.

Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual.

Vejo turvo o claro dia;
Sombra feia me acompanha;
Não encontro na montanha
A alegria natural.

Tanto a magoa me importuna,
Que o viver já me aborrece;
Para hum triſte, que padece,
He fortuna o ſer mortal.

Glaura! Glaura! não reſpondes?
E te eſcondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento ſem igual!

Onde eſtou? troveja ... o raio...
Foge a luz... os arvoredos...
Abalados os rochedos...
Já deſmaio... ó dor fatal.

Nin-

Ninfa ingrata, eſta victoria
Alcançárão teus retiros;
Leva os ultimos ſuſqiros
Por memoria triunfal.

Glaura! Glaura! não reſpondes?
E te eſcondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento ſem igual.

O JASMINEIRO.

Rondó XI.

VEnturòſo Jaſmineiro,
Sobranceiro ào claro Rio,
Já do Estîo o ardor ſe acende,
Ah! defende este lugàr.

Ache Glaura na freſcura
Deſtas penhas encurvadas
Molles héras abraçadas
Com ternura a vejetar.

Ache mil, e mil Napéas,
E inda mais, e mais Amores,
Do que moſtra o campo flores;
Do que arêas tem o mar.

Ven-

Venturoſo Jaſmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estío o ardor ſe acende,
Ah! defende este lugar.

Branda Ninfa, que me eſcutas
Deſſe monte cavernoſo,
Nem o raio luminoſo
Neſtas grutas poſſa entrar.

Has de ver com dôr, e eſpanto,
Como pallida a Triſteza
Dos ſeixinhos na aſpereza
Faz meu pranto congelar.

Ventutoſo Jaſmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estío o ardor ſe acende,
Ah! defende este lugar.

Glau-

Glaura bella, que resiste
Aos rigores da saudade,
Veja em muda soledade
Soño triste bocejar.

Sobre o musgo em rocha fria
Adormeça ao som das agoas,
E sonhando injustas magoas,
Chegue hum dia a suspirar.

Venturoso Jasmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estîo o ardor se acende,
Ah! defende este lugar.

Com seus olhos Glaura inflamme
Os desejos namorados,
Que em abelhas transformados,
Novo enxame cubra o ar.

Vin

Vinde abelhas amoroſas,
Sem temer o meu deſgoſto,
Doce neƈtar no ſeu roſto
Entre roſas procurar.

Venturoſo Jaſmineiro,
Sobranceiro ao claro Rio,
Já do Estîo o ardor ſe acende.
Ah! defende este lugar.

A NAPE'A.

Rondó XII.

Pastor.

NAõ dou fim a meu tormento,
Nem o alento ſe restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.

Napéa.

Fuja a vã melancolîa,
E da morte a imagem fèa;
Que piedoſa Cytheréa
Te anuncîa o ſeu favor.

Ju-

Jura Venus pelo Eſtygio,
Que has de ſer entre os Paſtores
Mais feliz nos teus amores,
Doque o Phrygio roubador.

Pastor.

Não deu fim a meu tormento;
Nem o alento ſe restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços;
nde os laços tece Amor.

Napéa.

Dos penedos a dureza
Céde á fonte, que murmura:
Naſcerá doce ternura
Da fereza, e do rigor.

Abre a terra vagaroſo,
Soffre a calma ſem abrigo,
E eſperando ceifa o trigo
Venturoſo Lavrador.

Pastor.

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento ſe restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.

Napéa.

Pouco durão os tributos,
De que o campo faz alarde;
E o que pende, e vem mais tarde,
He dos fructos o melhor.

Não ſe atêa o vivo fogo,
Nem ſe nutre em lenho verde;
N'hum inſtante as chammas perde,
Morre logo o ſeu vigor.

Paſtor.

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento ſe reſtaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece Amor.

Napéa.

Ella já te correſponde
Em ſegredo carinhoſa;
Mas prudente, e receoſa
N'alma eſconde o puro ardor.

Triſte, e ſó teu nome beija
Neſta gruta, que a convida;
Chora, e geme, e enternecida
Vêr deſeja o ſeu Paſtor.

Paſtor.

Já dou fim a meu tormento,
Já o alento ſe reſtaura:
Vem, ó Glaura, que em meus braços
Firmes laços tece Amor.

A POMBA.

Rondó XIII.

Pombo.

Bella Pomba os dias creſcem,
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver eſpero
Do ſincero noſſo amor.

Pastor.

Oh ſeliz enamorado,
Como es livre da desgraça!
D' hora em hora mais te enlaça
Doce agrado, e novo ardor.

A

A consorte, (que ventura !)
Acompanhas meigo, e rico ;
Que ás palhinhas no teu bico
A ternura dà valor.

Pombo.

Bella Pomba, os dias creſcem ;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver eſpero
Do ſincero noſſo amor.

Paſtor.

Precioſa lealdade
Sem repudios, ſem queixumes,
Sem deſgoſtos, nem ciumes,
Nem ſaudade, nem temor !

A Fortuna te proteja,
Apartando os triſtes lutos :
Teus implumes tenros fructos
Nunca veja o caçador.

Pom-

Pombo.

Chara Pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

Pastor.

Na Mangueira fazem ninho:
Vês, ó Glaura, lá voltárão;
Forão juntos, e pousárão
No raminho superior.

Elles tornão: par ditoso!
Dize, ó Nynfa; não te agrada
Ver a Pomba acompanhada
Do amoroso rolador?

Pom-

Pombo.

Bella Pomba os dias creſcem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver eſpero
Do ſincero noſſo amor.

Paſtor.

Innocente idade antiga,
Tu fugiſte dos humanos;
E deixaſte a magoa, os dános,
E a fadiga, e o rigor!

Ah! ſe o Ceo te convertêra,
Nynfa ingrata, em Pomba amante;
Eu... (que gôſto!) hum ſó inſtante
Não quizera ſer Paſtor.

Pombo.

Chara Pomba, os dias crefcem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver efpero
Do fincero noffo amor.

O AMOR ARMADO.

Rondó XIV.

GIra Amor feroz, e armado
Nefte prado, e valle, e ferra:
Tudo he guerra, e com feus tiros
Mil fufpiros já caufou.

Entre miferas affrontas
Pendurou n'hum tronco a aljava;
Pois das fettas, que eftimava,
Glaura as pontas lhe quebrou.

Por

Por vingar-ſe deſta injuria
Triſte emprega ferro, e fogo;
Mas ao ver-me o impio logo
Mágoa, e furia disfarçou.

Gira Amor feroz, e armado
Neſte prado, e valle, e ſerra:
Tudo he guerra, e com ſeus tiros
Mil ſuſpiros já cauſou.

Meu ſoccorro, e meu deſenho
Brando pede, e humilde approva:
Com vaidade em ſetta nova
Meu empenho ſe eſmerou.

Tinha a ponta aguda, e forte,
E tres farpas bem polidas,
Negras pennas embutidas,
De que a Morte ſe aſſuſtou.

Gi-

Gira Amor feroz, e armado
Neſte prado, é valle, e ſerra:
Tudo he guerra, e com ſeus tiros
Mil ſuſpiros já cauſou.

Dei-lhe o aço luminoſo,
E o traidor louvar-me finge:
Em cruel peçonha o tinge,
E aleivoſo aſſim fallou.

„ Fico alegre, e ſatisfeito. . .
„ Oh que ſetta! vê, ſe he boa:
Curva o arco, a ſetta vôa,
E o meu peito traſpaſſou.

Gira Amor feroz, e armado
Neſte prado, e valle, e ſerra:
Tudo he guerra, e com ſeus tiros
Mil ſuſpiros já cauſou.

Em tormentos, e pezares
Exclamei, quando cahía:
Glaura...! Amor...! o Amor ſe ria,
E dos ares me bradou.

„ O Veſuvio não ſe apaga:
„ Ser ditoſo mereceſte:
„ Do farpão, que me fizeſte,
„ Leva a paga, que te dou.

Gira Amor feroz, e armado
Neſte prado, e valle, e ſerra:
Tudo he guerra, e com ſeus tiros
Mil ſuſpiros já cauſou.

O RETRATO.

Rondó XV.

TEm, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo roſto,
Que por gôſto Amor eſpera
Em Cythéra eternizar.

Só adorna os teus cabellos
Verde fitta, em que os enlaças;
E o jaſmim, que as puras Graças
Com deſvelos vão buſcar.

Na alva teſta entre a alegria,
E a feliz ſerenidade,
Não diviſo a crueldade,
Que porfía em maltratar.

Tem,

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.

Os teus olhos... ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem:
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desmaiar.

Tua face delicada
He mais bella, doque a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada expõe ao ar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gôsto Amor espera
Em Cythéra eternizar.

Do-

Doce o riſo não encobre
Mil agrados innocentes;
Moſtra as perolas luzentes,
Que deſcobre o reſpirar.

Não ſe apartão do teu ſeio
Dois Amores pequeninos,
Tão crueis, e tão ferinos,
Que receio de os pintar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo roſto,
Que por gôſto Amor eſpera
Em Cythéra eternizar.

Triſtes, e aſperos rigores
Na tua alma ſe eſcondêrão,
E implacaveis promettêrão
Minhas dores augmentar.

Tu-

Tudo o mais he formosura,
São bellezas, que não vejo;
E nem póde o meu desejo
Na pintura debuxar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato, e lindo rosto,
Que por gosto Amor espera
Em Cythéra eternizar.

A CINTA DE VENUS.

Rondó XVI.

CAhe a cinta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pezares
Pede aos mares, que lha dêm.

O thesoiro se procura,
Os desejos se interessão,
Os cuidados já se appressão,
E a ternura vai tambem.

Empenhou-se, ó Glaura, o zêlo;
Mas em vão: que perda triste!
Só eu vi, sei onde existe;
E dizelo não convém.

Cabe a cinta a Venus bella;
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares, que lha dêm.

Roubador do puro ornato
Foi Antéro, e foi Cupido;
E o levárão escondido
Com recáto, eu sei a quem.

Receoſos pelo inſulto,
Que traidores commettêrão,
No teu ſeio ſe acolhêrão,
Onde occulto aſylo tem.

Cabe a cinta a Venus bella,
Sem cautéla recoſtada;
E turbada entre os peſares
Pede aos mares, que lha dêm.

Dos meus olhos não ſe eſcondem
Os meninos, a quem amo:
Se os procuro, eſpreito, e chamo,
Correſpondem, mas não vem.

Com acênos expreſſivos,
De alegria ſuſpeitoſa
Moſtrão faxa precioſa,
Que attractivos mil contem.

Ca-

Cabe a cinta a Venus bella,
Sem cautéla recoſtada;
E turbada entre os peſares
Pede aos mares, que lha dêm.

Se piedade afflicto rógo,
E que ceſſem teus rigores,
(Ah crueis, lindos Amores!)
Fogem logo, e com deſdem.

Abrandalos não conſigo,
E já delles tenho medo:
Guarda, Nynfa, eſte ſegredo,
Que não digo a mais ninguem.

Cabe a cinta a Venus bella,
Sem cautéla recoſtada;
E turbada entre os peſares
Pede aos mares, que lha dêm.

DORIS, E GALATE'A.

Rondó XVII.

GLaura bella, o Sol desmaia;
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Ouço ao longe o instrumento,
Que Tritão nadando embóca:
Verde carro as penhas tóca,
Dorme o vento, e dorme o mar.

D'alvos peixes o cardume
Acompanha venturoso,
E o Delfim terno, e piedoso,
Que presume enamorar.

Glau-

Glaura bella, o Sol desmaia:
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Doris vejo, e Galatéa,
Que por ti de amor se inflamão;
Glaura esperão, Glaura chamão
Sobre a arêa a suspirar.

Destes valles só responde
Com voz terna, e lagrimosa
Nynfa triste, em vão saudosa,
Que se esconde, e muda em ar.

Glaura bella, o Sol desmaia:
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Se

Se te alegra a fonte pura
No rigor do Eſtío ardente;
Deſta placida corrente
A freſcura vem goſar.

Ouvirás os arvorêdos,
De meu pranto condoídos,
Repetir os meus gemidos,
E os rochedos abrandar.

Glaura bella, o Sol deſmaia:
Eſta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Onde eſtás? vê que os Amores
Já nas aguas apparecem,
E entre pérolas te offerecem
Meus ardores, meu pezar.

Ah!

Ah! tu vens... quanto he modesto
Teu prazer, teu lindo rosto!
Ai de mim! ó falso gosto!
O' funesto delirar!

Glaura bella, o Sol desmaia:
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

* ——— *

A AURORA.

Rondó XVIII.

VEm, ó Nynfa suspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Lon-

Longas azas ſacodindo ,
Foge a noite eſcura , e fria ;
Que ſereno o claro dia
Surge rindo , e deixa o mar.

De Titão a terna Eſpoſa
Véſte os Ceos co' as lindas côres ,
E o ſeu pranto ſobre as flores
Quer ſaudoſa derramar.

Vem ó Nynfa ſuspirada ,
Engraçada , e rubicunda ,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Rôxa nuvem circulando
Pouco a pouco ſe illumína ;
A purpurea , e cryſtalina
Fluctuando não tem par.

Esta faxa longa, e verde
Muda a côr de inſtante a inſtante:
Esta azul he mais conſtante;
E não perde o ſeu brilhar.

Vem, ó Nynfa ſuspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A beleza a contemplar.

Creſce a luz pelo horiſonte,
Abre o Sól o ſeu theſoiro;
E movendo o carro de oiro,
Já Ethonte inflama o ar.

Puro globo refulgente,
Que velóz ſe aparta, e gyra,
Vejo em campo de Saphíra
Transparente ſcintillar.

Vem, ó Nynfa ſuspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Admirando o rico adorno
Do apraſivel firmamento,
Tregoas dei a meu tormento,
Mas já torno a delirar.

Aſſim, Glaura, me desvío
Do meu mal, quando appareces,
E mimoſa á fonte deſces
Para o Rio enamorar.

Vem, ó Nynfa ſuspirada,
Engraçada, e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

O MEIO DIA.

Rondó XIX.

GLaura, as Nynfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo:
Vem comigo, e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.

Treme agora o ar extenso
Pela Esfera crystalina;
Que os seus raios não declina
Esse immenso resplandor.

Busca o toiro fatigado
Frias sombras, verde relva:
Co' a cigarra zune a selva,
Foge o gado, e o Pastor.

Glau-

Glaura, as Nynfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo:
Vem comigo, e neſta gruta
Branda eſcuta o meu amor.

Ferve a arêa deſta praia,
Arde o muſgo no rochedo,
Eſmorece o arvoredo,
E deſmaia a tenra flor.

Todo o campo ſe deſgoſta,
Tudo... ah! tudo a calma ſente:
Só a gélida ſerpente
Dorme expoſta ao vivo ardor.

Glaura, as Nynfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo:
Vem comigo, e neſta gruta
Branda eſcuta o meu amor.

Vês

Vês a plebe namorada
De volantes borbolêtas?
Loiras são, e azues, e pretas,
De mefclada, e vária côr.

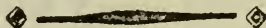
Aquella ave enternecida,
Que cantou ao ver a Aurora,
Abre as azas, geme agora
Opprimida do calor.

Glaura, as Nynfas te chamárão;
E buscárão doce abrigo:
Vem comigo, e nefta gruta
Branda escuta o meu amor.

Fonte aqui não fe despenha
Com ruído, que entriftece:
Gôta a gôta a Lynfa desce,
Lava a penha fem rumor.

Aqui

Aqui vive precioſa
Eſcondida amenidade,
O ſegredo, e a ſaudade,
E a choroſa minha dor.

Glaura, as Nynfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo:
Vem comigo, e neſta gruta
Branda escuta o meu amor.

A TARDE.

Rondó XX.

JA' ſerena deſce a tarde,
Já não arde o Sol formoſo:
Vem ſaudoſo o brando vento
Doce alento reſpirar.

Pe-

Pelos fins daquelle monte
Vejo, ó Nynfa, luzes bellas
Entre purpura amarellas
No horiſonte fluctuar.

Que gigante os Ceos adorna
Com chuveiros d'e oiro, e prata!
Sóbe, e creſce, e ſe deſata,
E ſe torna todo em ar!

Já ſerena deſce a tarde,
Já não arde o Sol formoſo:
Vem ſaudoſo o brando vento
Doce alento reſpirar.

Surge alí viſtoſa ſerra
De mil varios eſplendores,
A quem Iris deu as cores
Para a terra enamorar.

Nu-

Nuvens claras, e redondas
Deixa Phebo accelerado,
Que o ſemblante avermelhado
Sobre as ondas vai banhar.

Já ſerena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoſo:
Vem ſaudoso o brando vento
Doce alento respirar.

Pouco a pouco a luz desmaia;
Mas não cede á noite fêa:
Inda vejo a ſolta arêa
Neſta praia branquejar.

Cordeirinhos manteúdos
Traz Paſtora diligente:
Elles brincão frente a frente,
Vem felpudos a ſaltar.

Já

Já ſerena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem ſaudoso o brando vento
Doce alento reſpirar.

Como chora enternecida
Triſte Flauta! ó bella, escuta.
Lá repete ao longe a gruta,
E convida a ſuspirar.

Ai de mim! teu peito ingrato
Não conhece o que he ſuspiro;
E eu por ti de amor espiro,
E ſó trato de te amar!

Já ſerena desce a tarde,
Já não arde o Sol formoso:
Vem ſaudoso o brando vento
Doce alento respirar.

A NOITE.

Rondó XXI.

OUve, ó Glaura, o ſom da Lyra,
Que ſuspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Já cahio do oppoſto monte
Sombra espessa neſtes valles;
Ouço aos echos de meus males
Eſta fonte responder.

São iguaes a praia, a ſerra:
D' hũa cor o bosque, o prado:
Triſte o ar, feio, enlutado
Vem a terra escurecer.

Ou-

Ouve, ó Glaura, o ſom da Lyra,
Que ſuspira lagrimoſa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Melancólico agoireiro
Sólta a vóz Mocho faminto;
(*) E o *Vampir* de ſangue tinto;
Que he ligeiro em ſe esconder.

Vôa a denſa eſcuridade,
O ſilencio, horror, e eſpanto:
E as correntes do meu pranto
A ſaudade faz verter.

f ii *Ou-*

(*) O grande *Morcego*, que ſe nutre de ſangue, e habíta nos climas quentes.

Ouve, ó Glaura, o ſom da Lyra,
Que ſuſpira lagrimoſa,
Amoroſa em noite eſcura,
Sem ventura, nem prazer.

Tem a noite ſurda, e féra
Carro de ebano polido:
Move o ſceptro denegrido,
Toda a Esféra vê tremer.

Fórma o tímido desgoſto
Mil imagens da triſteza,
Que aſſuſtada a natureza
Volta o roſto por não ver.

Ouve, ó Glaura, o ſom da Lyra,
Que ſuſpira lagrimoſa,
Amoroſa em noite eſcura,
Sem ventura, nem prazer.

Ao

Ao ruído deſtas agoas
Vinde, ó ſonhos voadores,
De Morfeo co' as tenras flores
Minhas mágoas ſuspender.

Mas ſe Amor alivios nega,
Quando o peito mais inflama:
Só aquelle, que não ama,
He que chega a adormecer.

Ouve, ó Glaura, o ſom da Lyra,
Que ſuspira lagrimoſa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Os

OS AMORES PERDIDOS.

Rondó XXII.

LOuco amante, e ſem ventura,
De ternura ſuſpirando,
Vou buſcando entre eſtas flores
Os amores, que perdi.

Não me engana o meu receio:
Tu, ó Nynfa os occultaſte,
Ou no ceio os affogaſte,
No teu ſeio, onde eu os vi.

Ah cruel! tua fereza
Rigoroſa os opprimia:
Meu prazer deſde eſſe dia
Em triſteza converti.

Lou-

Louco amante, e ſem ventura,
De ternura ſuspirando,
Vou buscando entre eſtas flores
Os amores, que perdi.

Com temor, e com ſaudade
Se escondiáo... que tormento!
Fui ſenſivel ao lamento;
Por piedade os recolhi.

Rôxa fêlpa mal moſtraváo
Suas azas inda implumes:
Juſtos eráo ſeus queixumes,
E choraváo ſó por ti.

Louco amante, e ſem ventura,
De ternura ſuspirando,
Vou buscando entre eſtas flores
Os amores, que perdi.

Nem

Nem co' a viſta deſtes valles
Ao ſurgir purpurea Aurora,
Nem c'os dons da alegre Flora
Os ſeus males diverti.

Ao correr das frias agoas
Por coſtume os ais escuto,
Ai de mim! qual foi o fruto
Deſſas magoas, que ſoffri?

Louco amante, e ſem ventura,
De ternura ſuspirando,
Vou buscando entre eſtas flores
Os amores, que perdi.

No meu peito já crescidos
Hũa tarde repousárão:
Suas lagrimas cessárão,
E os gemidos não ſenti.

Foi então, ó Glaura bella,
Foi então que me fugirão:
Eu clamei, e não me ouvírão
Impia eſtrella, em que naſci!

Louco amante, e ſem ventura,
De ternura ſuſpirando,
Vou buſcando entre eſtas flores
Os amores, que perdi.

O AMANTE SAUDOSO.

Rondó XXIII.

LInda Glaura os arvoredos,
E os rochedos, que já viſte,
Tudo he triſte, e tudo ſente
Meu ardente ſuſpirar.

Quan-

Quando os Riſos, e os Amores
Apparecem nos teus olhos,
Até d'aſperos abrolhos
Vejo flores rebentar.

Mas ſe deixas eſte prado,
Ai de mim! crueis peſares!
Sinto eſcuro o Ceo, e os ares,
E enlutado o boſque, e o mar.

Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viſte,
Tudo he triſte, e tudo ſente
Meu ardente ſuſpirar.

Não te alegra a curva praia,
Quando o Sol já ſe retira?
Não te move o ſom da lyra,
Que deſmaia de chorar?

De que naſce o teu deſgoſto?
Ah! permitte, que te vejão
Eſtes campos, que deſejão
O teu roſto enamorar.

Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viſte,
Tudo he triſte, e tudo ſente
Meu ardente ſuſpirar.

No declîvio deſte monte,
Murmurando á ſombra fria,
Da ſoberba penedîa
Clara fonte deſce ao mar.

Neſſa gruta deleitoſa
Doce Zefiro te eſpera,
E a ſuave Primavera
Cuidadoſa em te agradar.

Lin-

Linda Glaura, os arvoredos;
E os rochedos, que já viſte,
Tudo he triſte, e tudo ſente
Meu ardente ſuſpirar.

Deſtes valles foge a calma
No rigor do féro Eſtîo:
Torna ó bella, torna ao rio,
Vem minha alma conſolar.

E eu verei, oh que ventura!
Neſte placido remanſo
Os prazeres, e o deſcanço,
E a ternura triunfar.

Linda Glaura, os arvoredos,
E os rochedos, que já viſte,
Tudo he triſte, e tudo ſente
Meu ardente ſuſpirar.

O

O PRAZER

Rondó XXIV.

SObre o feno recoſtado,
Deſcançado affino a lyra,
Que reſpira com ternura
Na doçura do prazer.

Amo a ſimples Natureza:
Buſquem outros a vaidade
Nos tumultos da cidade,
Na riqueza, e no poder.

Deſſe pélago furioſo
Não me aſſuſtão os perigos,
Nem dos ventos inimigos
O raivoſo combater.

So-

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pouca terra cultivada
Me agradece com seus frutos;
Mas os olhos tenho enxutos,
Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseja
Doce paz neste retiro;
Por delicias não suspiro,
Onde a inveja faz tremer.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pe-

Pelas ſombras venturoſas
De fecundos arvoredos
Ouve Glaura os meus ſegredos,
Quando roſas vai colhêr.

Já o Amor com ferro duro
Não me aſſalta, nem me offende:
Já ſuave o fogo acende,
E mais puro o ſinto arder.

Sobre o feno recoſtado,
Deſcançado affino a lyra,
Que reſpira com ternura
Na doçura do prazer.

Entre as graças, e os Amores
Canto o Sol, e a Primavera,
Que riſonha vem da Esfera
Tudo em flores converter.

A innocencia me acompanha;
Oh que bem! oh que thesoiro!
Vejo alegre os dias de oiro
Na montanha renascer.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

A ALEGRIA.

Rondó XXV.

SEm o amor, ó GLaura, tudo
Era mudo, e triste, e feio:
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.

Vem

Vem comtigo a formoſura
E as delicias deſte monte:
Dá valor ao prado, á fonte,
A ventura de te amar.

N'outro tempo a eſteril ſerra
Teve a côr das minhas magoas;
Hoje brilha o Sol nas agoas,
Ri-ſe a terra, o Ceo, e o mar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triſte, e feio:
Tudo cheio de alegria
Neſte dia o vê tornar.

Rude Fauno, que ſe eſconde,
E de amor a vóz eſcuta,
Dobra os echos neſta gruta,
E reſponde a ſuſpirar.

Quanto agrada ouvir defta ave
O gorgeio harmoniofo,
E do Zefiro amorofo
O fuave refpirar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e trifte, e feio:
Tudo cheio de alegria
Nefte dia o vê tornar.

Coroada de mil flores,
Moftra a linda Cytheréa
Alvo pé na ruiva arêa,
Que os amores vem beijar.

Defta rocha curva, e alta
Pela tarde com defcanço
Vejo, ó Nynfa, no remanfo
Como falta o peixe ao ar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triſte, e feio
Tudo cheio de alegria
Neſte dia o vê tornar.

Desatando as tranças de oiro
Surgirá brilhante a Aurora,
Para ver a bella Flora
Seu theſouro derramar.

Ah! não fujas deſtes prados;
Onde amor ha de ſeguir-te:
Mais não tenho, que pedir-te
Nem os Fados mais, que dar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo, e triſte, e feio
Tudo cheio de alegria
Neſte dia o vê tornar.

O AMANTE SATISFEITO.

Rondó XXVI.

CAnto alegre neſta gruta,
E me eſcuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não deſejo mais prazer.

Eſte rio ſocegado,
Que das margens ſe enamora;
Vê co'as lagrimas da Aurora
Boſque, e prado florecer.

Puro Zefiro amoroſo
Abre as aſas liſongeiras,
E entre as folhas das mangueiras
Vai ſaudoſo adormecer.

Can-

Canto alegre neſta gruta,
E me eſcuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não deſejo mais prazer.

Novos ſons o Fauno ouvindo,
Deſtro move o pé felpudo:
Cauteloſo, agreſte, e mudo
Vem ſahindo por me ver.

Quanto vale hũa capella
De jaſmins, lirios, e roſas,
Que co' as Dryades mimoſas
Glaura bella foi colher!

Canto alegre neſta gruta,
E me eſcuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não deſejo mais prazer.

Receou triſtes agoiros
A innocencia abandonada;
E aqui veio retirada
Seus theſoiros eſconder.

O mortal, que em ſi não cabe,
Buſque a paz de clima, em clima;
Que os ſeus dons no campo eſtima,
Quem os ſabe conhecer.

Canto alegre neſta gruta,
E me eſcuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não deſejo mais prazer.

Os metaes adore o mundo;
Ame as pedras, com que ſonha,
Do feliz Jequetinhonha, (*)
Que em ſeu fundo as vio naſcer.

Eu

(*) Rio onde ſe achão muitos diamantes no Serro do Frio.

Eu contente neſtas brenhas
Amo Glaura, e amo a lyra,
Onde terno amor ſuſpira,
Que eſtas penhas faz gemer.

Canto alegre neſta gruta,
E me eſcuta o valle, e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não deſejo mais prazer.

GLAURA DORMINDO.

Rondó XXVII.

VOai Zefiros mimoſos,
Vagaroſos com cautéla;
Glaura bella eſtá dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!

Ma-

Mais me elevão ſobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as roſas orvalhadas
Ao pequeno Beija-flor.

O deſcanço, a paz contente
Só reſpirão neſtes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo ſente hum puro ardor.

Voai Zefiros mimoſos,
Vagaroſos com cautéla;
Glaura bella eſtá dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!

O ſilencio, que nem ouſa
Bocejar, e ſó me eſcuta,
Mal ſe move neſta gruta,
E repouſa ſem rumor.

Le-

Leve ſono, por piedade,
Ah! derrama em tuas flores
O peſar, a magoa, as dores,
E a ſaudade do Paſtor.

Voai Zefiros mimoſos,
Vagaroſos com cautéla;
Glaura bella eſtá dormindo;
Quanto he lindo o meu amor!

Se nos mares apparece
Venus terna, e melindroſa,
Glaura, Glaura mais formoſa
Lhe eſcurece o ſeu valor.

No veſtido azul e nobre
He ſem oiro, e ſem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que ſe cobre de eſplendor.

Vo-

Voai Zefiros mimoſos,
Vagaroſos com cautéla;
Glaura bella eſtá dormindo,
Quanto he lindo o meu amor!

He ſuave o ſeu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces frutos
Ao cançado Lavrador.

Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura, e já rigor.

Voai Zefiros mimoſos,
Vagaroſos com cautéla;
Glaura bella eſtá dormindo;
Quanto he lindo o meu amor.

DEZEMBRO.

Rondó XXVIII.

JÁ Dezembro mais calmoſo
Perguiçoſo o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem Paſtora aqui te eſperão
Os prazeres deſte rio;
Onde o Sol, e o ſecco Eſtio
Não podérão penetrar.

Nuas graças te preparão
A conchinha tranſparente,
O coral rubro, e luzente,
Que buſcárão ſobre o mar.

Já Dezembro mais calmoſo
Perguiçoſo o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Entre os mimos, e a freſcura,
Entre as ſombras, e entre as agoas,
Do Paſtor as triſtes magoas,
E a ternura has de encontrar.

Pelo golfo curvo, e largo
Apparece a Deoſa bella:
Ora a vaga ſe encapella,
Ora o pargo ſurge ao ar.

Já Dezembro mais calmoſo
Perguiçoſo o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

De

De me ouvir ao ſom deſta aura,
Que menea os arvoredos,
Aprenderão os rochedos
Glaura, *Glaura* a ſuſpirar.

Oh, que doce amenidade!
Loiras Dryades ſe ajuntão:
Por teus olgos me perguntão
Com ſaudade, e ſem ceſſar.

Já Dezembro mais calmoſo
Perguiçoſo o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Ah cruel! porque não vamos
Colher mangas precioſas,
Que promettem venturoſas
Os ſeus ramos encurvar?

Se no abrigo deſtes prados
Não achares lindas flores,
Acharás os meus amores
Deſgraçados a chorar.

Já Dezembro mais calmoſo,
Perguiçoſo o giro inclina:
Illumina o Ceo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

O AMOR MUDADO EM ABELHA.

Rondó XXIX.

TEm o amor mil paſſadores
Entre as flores deſte prado;
E mudado em leve abelha,
Se aparelha, e já voou.

Im-

Implacavel não descança,
E eu, ó Nynfa, bem receio,
Que elle empregue no teu seio
A vingança, que jurou.

Sahe do nectar d'uma rosa...
Ah que abelha tão ferina!
Mal a vejo, e pequenina,
E raivosa me picou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flores deste prado,
E mudado em leve abelha,
Se aparelha, e já voou.

Não ha dor, que mais inflame
Infeliz! que em vivo fogo
Esmaguei a abelha, e logo
N'um enxame se tornou.

Fui crivado de ſeus tiros:
Vi turbar-ſe o Ceo ſereno;
E o mortifero veneno
Em ſuſpiros me afogou.

Tem o amor mil paſſadores
Entre as flores deſte prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.

Ai de mim! que deſventura!
Que cruel melancolia!
Foge a paz, foge a alegria;
Que amarguras me deixou.

Solitario, e penſativo,
Eſmoreço neſtes valles;
E o autor de tantos males
Vingativo ſe alegrou!

Tem

Tem o amor mil paſſadores
Entre as flores deſte prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.

Linda Glaura, não duvides
Que o meu peito afflicto ſente
Do Centauro o ſangue ardente,
Com que Alcides ſe abraſou.

Sem ceſſar na intenſa fragoa
Creſce o miſero deſgoſto:
Só ao ver teu bello roſto
Minha mágoa ſe abrandou.

Tem o amor mil paſſadores
Entre as flores deſte prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha, e já voou.

O DESEJO.

Rondó XXX.

MEu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.

Os Delfins compadecidos
Lhe dão vida nestas agoas:
Doris ouve os ais, e as magoas,
E os gemidos com pezar.

Hamadryades se apressão,
E nos braços o tomarão;
Flora, e Zefiro o levarão,
E não cessão de chorar.

Meu

Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.

Que te fez esse innocente
Em colher cheirosas flores,
Companheiro dos amores
Diligente no agradar?

Dos teus olhos namorado;
E ludibrio da ventura,
Vinha amante (que ternura!)
Neste prado suspirar.

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste;
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.

Mil, e mil de amor delirão,
E ſe elevão ſem limite,
Mais que as aves de Amphitrite,
Quando girão ſobre o ar.

Só o afflicto em vão ſacode,
Abre em vão âs azas ſuas:
Abre, e moſtra, que eſtão nuas,
Que não póde aſſim voar.

Meu deſejo inclina o roſto
Por deſgoſto, a que o condemnas:
Ah! que as pernas lhe arrancaſte,
E o lançaſte, ó Glaura, ao mar.

Já opprimem do teu peito
Os rigores ſempre injuſtos:
Já ſe entrega á dôr, aos ſuſtos
Satisfeito de te amar.

O infeliz não mais consumas:
Ache o riso em teu regaço;
E o verás n'um breve espaço
Lindas plumas renovar.

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste,
E o lançaste, ó Glaura, ao mar.

OS CANTOS AMOROSOS.

Rondó XXXI.

PAra ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

A alegria vi nos ares,
E no bosque floreccente:
Cantei de Hero o amor ardente
Quando aos mares se arrojou.

Ella vê nas tristes agoas
O Abideno (ó Ceos, conforto!)
Que affogado junto ao porto
Duras magoas excitou.

Para ouvir cantar de amores
Os Pastores me buscarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Thisbe delirante,
Que ao punhal entrega a vida:
A alma sahe pela ferida,
E ao amante acompanhou.

Mor-

Morreo Pyramo enganado,
E com elle a eſpoſa morre:
O ſeu ſangue unido corre,
E no prado congelou.

Para ouvir cantar de amores
Os Paſtores me buſcarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Dido, que ſuſpira
Ao mover-ſe o mar, e o vento:
E o ſeu barbaro tormento
Logo em ira ſe mudou.

Só deſeja o mortal damno
Infeliz, e abandonada:
Abre o peito aguda eſpada,
Que o Troyano lhe deixou.

Pa-

Para ouvir cantar de amores
Os Paſtores me buſcarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Glaura melindroſa,
Doce agrado, e formoſura;
Que no ſeio da ternura
Venturoſa triunfou.

Tudo applaude: e co' a leve aura
O Favonio liſongeiro
De boninas hum chuveiro
Sobre Glaura derramou.

Para ouvir cantar de amores
Os Paſtores me buſcarão;
Convidarão Nynfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

ECHO.

ECHO.

Rondó XXXII.

FLebil Echo deſtas grutas,
Que me eſcutas rouca, e triſte;
Onde viſte a bella Glaura
Feliz aura reſpirar?

Sobre as penhas, ſobre os valles
Enviei ternos ſuſpiros:
E dos aſperos retiros
Só meus males vi tornar.

Os ſuſpiros lá morrerão
Lagrimoſos, e cançados;
E a Paſtora (ai deſgraçados!)
Não poderão encontrar.

Fle-

Flebil Echo deſtas grutas,
Que me eſcutas rouca, e triſte,
Onde viſte a linda Glaura
Feliz aura reſpirar.

Perguntei ao claro rio
Nos incultos arvoredos;
Reſpondeo-me entre os rochedos
O ſombrio murmurar.

Acho a praia ſem adorno:
E pergunto ás tenras flores;
Ninguem vio os meus amores,
E inda torno a perguntar.

Flebil Echo deſtas grutas,
Que me eſcutas rouca, e triſte,
Onde viſte a bella Glaura
Feliz aura reſpirar.

Pelo bosque se espalharão
Minhas queixas amorosas:
E co' as Dryades saudosas
Começarão a chorar.

Nem o campo me contenta,
Nem os Zefiros suaves:
Busco em vão as brandas aves,
Que afugenta o meu pezar.

Flebil Echo destas grutas,
Que me escutas rouca, e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar?

Duro amor, ingrato, e fero,
Que me opprimes noite, e dia,
Se me levas a alegria,
Não espero mais gozar.

Ver-

Verdes prados, pura fonte
Tudo, ó Glaura, deſpreſaſte:
Glaura! ah Glaura! e me deixaſte
Neſte monte a delirar!

Flebil Echo deſtas grutas,
Que me eſcutas rouca, e triſte,
Onde viſte a linda Glaura
Feliz aura reſpirar?

O CAJUEIRO DO AMOR.

Rondó XXXIII.

VEm, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro deſprezamos;
Que em ſeus ramos tortuoſos
Amoroſos fructos dá.

Se deſejas a freſcura,
O ſeu tronco te convida,
E entre as folhas eſcondida
Aura pura, e doce eſtá.

Inda a mão do Eſtio ardente
Não creſtou no campo as flores:
Vem, que a Deoſa dos amores
Tua frente adornará.

Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro deſprezamos,
Que em ſeus ramos tortuoſos
Amoroſos fructos dá.

Lá chorando, e namorada
Hamadryade te acena:
Sem ſoccorro em ſua pena
Deſmaiada ficará.

Vem

Vem, conſola por piedade
Os ſeus miſeros gemidos,
E os ſeus ais, que enternecidos
De ſaudade morrem já.

Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro deſprezamos,
Que em ſeus ramos tortuoſos
Amoroſos fructos dá.

Nelle vio feliz minha alma
Triunfar o amor, e a gloria;
E em ſignal deſta victoria
Verde palma creſcerá.

Vôa triſte o meu martyrio,
E de longe turba os ares:
Semeei crueis pezares
Rôxo lyrio naſcerá.

Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Vem tecer huma capella
Ao amor, que nos inspira;
E na voz da curva lyra
Glaura bella soará.

Vês o amor, e não o entendes?
Tem occulto allî seu ninho;
E te diz que he passarinho;
Se o não prendes, voará.

Vem, ó Nynfa, ao Cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

O

O AMOR IRADO.

Rondó XXXIV.

Amor.

PEla gloria, a que aſpiraſte,
Deſprezaſte os meus theſoiros:
De teus loiros adornado,
Deſgraçado, vai chorar.

Pastor.

Doce amor, benigno eſcuta
Por piedade as minhas queixas,
Terno amor! e aſſim me deixas
Neſta gruta a ſuſpirar?

Ah!

Ah! concede os teus favores;
Muda em riſo o enfado, a ira;
Que eu prometto a branda lyra
Aos amores dedicar.

Amor.

Pela gloria, a que aſpiraste
Deſprezaste os meus theſoiros:
De teus loiros adornado
Deſgraçado vai chorar.

Paſtor.

Deſta fonte as puras agoas
Já correrão deleitoſas;
Hoje triſtes vem ſaudoſas
Minhas magoas augmentar.

Co' meus ais, e meus lamentos
Todo o campo degenera,
E nem póde a Primavera
Meus tormentos consolar.

Amor.

Pela gloria, a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.

Pastor.

Não quebrei farpões agudos
Da sonora tua aljava:
Teu poder, que eu respeitava,
Via em tudo triunfar.

Não

Não he grande a minha culpa
Em ter livre o peito hum dia;
Glaura em fim não conhecia;
Tem deſculpa o não amar.

Amor.

Pela gloria a que aſpiraſte;
Desprezaſte os meus theſoiros:
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.

Paſtor.

Inda os olhos não ſerenas?
Inda, Amor, comigo es féro?
Em vão choro, em vão eſpero
Minhas penas abrandar?

Já meu pranto os troncos move
Co' estes languidos gemidos:
Ah! não cerres os ouvidos,
Que he de Jove o perdoar.

Amor.

Pela gloria, a que aspiraste,
Desprezaste os meus thesoiros;
De teus loiros adornado
Desgraçado vai chorar.

O DESGOSTO.

Rondo XXXV.

SE piedade, o Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

A meus ais reſponde a brenha,
A meus ais enternecidos;
Inda vem os meus gemidos
Neſta penha redobrar.

Só reſiſte a minhas dores
Eſſe peito ingrato, e fero;
Infeliz! que em vão eſpero
Teus rigores abrandar.

Se piedade, ó Glaura, ſentes,
Não augmentes meu deſgoſto:
O teu roſto não me occultes;
Não inſultes meu penar.

Doire os Ceos a luz brilhante;
Tudo offuſque a ſombra eſcura;
Has de ver-me ſem ventura
Triſte amante a ſuſpirar.

Ah cruel! e aſſim me deixas
Neſte barbaro tormento?
Minhas magoas, meu lamento,
Minhas queixas ſolto ao ar?

Se piedade, ó Glaura, ſentes,
Não augmentes meu desgoſto:
O teu roſto não me occultes,
Não inſultes meu penar.

Já ſe apartão nevoas frias,
Ri-ſe o campo, ri-ſe a esfera:
Torna a doce Primavera...
Oh que dias vão raiar!

Ai de mim! que não conſigo
Nem prazeres, nem deſcanço:
Foge o bem, e não alcanço,
Vai comigo o meu pezar.

Se

Se piedade, ó Glaura, ſentes,
Não augmentes meu desgoſto:
O teu roſto não me occultes,
Não inſultes meu penar.

Penſativo entre eſtas faias,
Aborreço o valle, os montes:
Não me alegrão ſombras, fontes,
Nem as praias, nem o mar.

O meu canto não reſpira
Na aſpereza deſtas grutas;
Mas ſe tu me não eſcutas,
Fique a lyra expoſta ao ar.

Se piedade, ó Glaura, ſentes,
Não augmentes meu desgoſto:
O teu roſto não me occultes,
Não inſultes meu penar.

A PRIMAVERA.

Rondó XXXVI.

VEm, ó doce Primavera;
Já te eſpera a minha amada;
Não agrada triſte Inverno
A meu terno, e brando amor.

Negras nuvens amontôa
O chuvoſo Sud-Oeſte;
Move a cólera celeſte,
Tudo atrôa o ſeu furor.

Geme, e em ſerras levantado
Bate o mar na rocha dura:
Perde o rumo ſem ventura
Soçobrado o Peſcador.

Vem

Vem, ó doce Primavera;
Já te eſpera a minha amada;
Não agrada triſte Inverno
A meu terno, e grande amor.

Ameaça turvo o Rio,
Com eſtrondo a fonte deſce;
E no Ceo ſó apparece
Euro frio eſtragador.

Nem da flauta, nem da lyra
A ſonora voz ſe eſcuta:
Solitaria, e feia a gruta
Não inſpira mais, que horror.

Vem, ó doce Primavera;
Já te eſpera a minha amada;
Não agrada triſte Inverno
A meu terno, e brando amor.

Glau-

Glaura eſtima as bellas flores,
Ama os Zefiros ſuaves:
Quer ouvir no campo as aves
E os amores do Paſtor.

Vejo Dryade ſaudoſa
Na mangueira com deſgoſto,
Por não ver ſeu lindo roſto,
Que da roſa tem a cor.

Vem, ó doce Primavera;
Já te eſpera a minha amada;
Não agrada triſte Inverno
A meu terno, e brando amor.

Traze a Aurora ſcintillante,
Que rompendo o véo eſcuro,
Moſtre a Glaura novo, e puro
Seu brilhante reſplandor.

Nos ſeus olhos reſuſcite
Deſtes montes a alegria;
Creſcerá de dia em dia
Sem limite o meu ardor.

Vem, ó doce Primavera;
Já te eſpera a minha amada;
Não agrada triſte Inverno
A meu terno, e brando amor.

A' MANGUEIRA.

Rondó XXXVII.

CArinhoſa, e doce, ó Glaura,
Vem eſta aura liſongeira,
E a Mangueira já florida
Nos convida a reſpirar.

So-

Sobre a relva o ſol doirado
Bebe as lagrimas da Aurora,
E ſuave os dons de Flora
Neſte prado vê brotar.

Ri-ſe a fonte: e bella, e pura
Sahe dos aſperos rochedos,
Os pendentes arvoredos
Com brandura a namorar.

Carinhoſa, e doce, ó Glaura,
Vem eſta aura liſongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a reſpirar.

Com voz terna harmonioſa
Canta alegre o paſſarinho,
Que defronte do ſeu ninho
Vem a eſpoſa conſolar.

Em

Em festões os lyrios trazem...
Nynfas, virde... eu dou os braços;
Apertai de amor os laços,
Que me fazem suspirar.

Carinhosa, e doce, ó Glaura;
Vem esta aura lisongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Vês das Graças o alvoroço?
Ah! prenderão entre flores
Os meus timidos amores,
Que não posso desatar!

Como os cobre o casto pejo!
Mas os olhos innocentes
Inda mostrão descontentes
O desejo de agradar.

Carinhoſa, e doce, ó Glaura,
Vem eſta aura liſongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a reſpirar.

Vagaroſo, e com ſaudade,
Triſte, languido, e ſombrio
Verdes boſques lava o rio
Sem vontade de os deixar.

Ao prazer as horas demos
Da Eſtação mais opportuna;
Que eſtes mimos da fortuna
Inda havemos de chorar.

Carinhoſa, e doce, ó Glaura,
Vem eſta aura liſongeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a reſpirar.

A ROSA.

Rondó XXXVIII.

QUanto, ó Nynfa, he venturoſa
Eſſa roſa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vê o Amor.

Pedio Flora á Natureza
Ao veſtir de novo os prados,
Que eſmeraſſe os ſeus cuidados
Na belleza deſta flor.

Logo abrindo as azas leves
Os Favonios a ampararão:
Nem as chuvas lhe tocarão,
Nem das neves o rigor.

Quan-

Quanto, ó Nynfa, he venturoſa
Eſſa roſa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o Amor!

Elle foi Argos zelloſo,
Que a guardava noite, e dia;
E entre eſpinhos a eſcondia
Do amoroſo Lavrador.

Nova abelha por ſenſivel
Deſſe nectar á doçura,
Encontrou na ſetta dura
O terrivel ſeu furor.

Quanto, ó Nynfa, he venturoſa
Eſſa roſa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Se

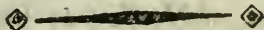
Se no adorno teu ſe emprega,
Vale mil, e mil boninas;
Mas ſe o ſeio lhe deſtinas,
Nada chega ao ſeu valor.

Eu lhe vejo hum ſó deſgoſto;
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que he mais nobre
Do teu roſto a bella côr.

Quanto, ó Nynfa, he venturoſa
Eſſa roſa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Que fortuna! a Roſa treme?....
Sonho? ó Glaura, eu não deliro:
Vôa, e foge o teu ſuſpiro,
E não teme o ſer traidor.

Vem, ſuſpiro terno, e mudo;
Vem, diſſipa os meus temores;
Vence a roſa ás outras flores,
Vença tudo o meu ardor.

Quanto, ó Nynfa, he venturoſa
Eſſa roſa delicada!
Invejada no teu jeito,
Satisfèito a vê o amor!

A' MARE'

Rondó XXXIX.

SE invejoſo o amor te impede
Ver a rede no remanſo,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!

Namorada Galatéa,
Que abrandou os negros mares;
Fugirá deftes lugares,
Se na arêa te não vê.

Tem de perolas hum fio
Neftes humidos rochedos,
E moftrando os feus fegredos;
Diz ao rio, que t'as dê.

Se invejofo o amor te impede
Ver a rede no remanfo,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!

Surda magoa me confome,
E o tormento mais fe aggrava,
Quando amor na rica aljava
O teu nome efcrito lê.

Ai de mim! oh Venus bella,
Que do amor tenho ciumes!
Nada valem meus queixumes...
Choro, e ella me não crê.

Se invejoſo o amor te impede
Ver a rede no remanſo,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!

Vi, ó Glaura... que prodigio!
Meu alento ſe perturba!...
Vi de amores linda turba
N'um veſtigio do teu pé.

Mas não te enchas de vaidade,
Que os amores são ligeiros;
Vão, e tornão liſongeiros
Sem verdade, ardor, nem fé.

Se

Se invejoſo o amor te impede
Ver a rede no remanſo,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré!

Ah cruel! porque te eſcondes
De quem ſó por ti deſmaia?
Porque deixas eſta praia?
Não reſpondes? ah! porque?

Já feróz melancolía
Tolda o mar, cobre a eſpeſſura:
Para os mimos da ventura
Eſte dia já não he.

Se invejoſo o amor te impede
Ver a rede no remanſo,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da Maré.

O BOSQUE DO AMOR.

Rondó XL.

DAs-me, Amor, o que deſejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E ſem ella... ah que eu deliro,
E ſuspiro ſem ceſſar!

Entre o muſgo a penha dura
Moſtra azues, moſtra roſadas
As conchinhas delicadas
Com brandura a gotejar.

Sobre a fonte cryſtalina
Cedro annoſo, e curvo pende:
Namorado a rama eſtende,
E ſe inclina para o mar.

Das-

Das-me, Amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Verdes chôpos, verdes faias
Move Zefiro brincando:
Loiras Nynfas vem nadando
Estas praias a beijar.

Vejo candidos amores,
Vejo graças melindrosas,
E as abelhas preciosas,
Que nas flores vem pousar.

Das-me, Amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Os prazeres mais ſuaves
Aqui voão noite, e dia:
Ouço em vozes da alegria
Ternas aves modullar.

Os agrados innocentes,
Que ſó vio a idade de oiro,
Neſta gruta o ſeu theſoiro
Vem contentes derramar.

Das-me, Amor, o que deſejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E ſem ella... ah que eu deliro,
E ſuſpiro ſem ceſſar!

Eſte boſque afortunado,
Que delicias mil ajunta,
Seja embora o de Amathunta
Dedicado á Tutelar.

Voltarei, amor piedoso,
A' minha aspera montanha:
Lá, se a Nynfa me acompanha,
Vou ditoso respirar.

Das-me, Amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro
E suspiro sem cessar!

* —— *

OS SEGREDOS DE AMOR.

Rondó XLI.

VI Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Sufpirei ao ver nas flores
'A defgraça, e a ventura:
E inda mais quando a ternura,
E os amores me afirmou.

Penfo então abforto, e mudo
Nos encantos da belleza,
Que rifonha a natureza
Sobre tudo derramou.

Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E fentado entre arvoredos
Mil fegredos me moftrou.

Entendi o fom conftante
Defte rio graciofo,
E o do Zefiro faudofo,
Fino amante, me agradou.

Eita fonte despenhada
Tãobem geme, tãobem chora,
E dos troncos, que enamora
Apartada se queixou.

Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Se me vês enternecido
Ao rolar o pombo, attende,
Que a minha alma a vóz lhe entende;
Pois Cupido me ensinou.

Frio peixe, bruta fera,
Veloz ave... ah quanto existe
Ao amor em vão resiste,
Que na esfera triunfou.

Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E ſentado entre arvoredos,
Mil ſegredos me moſtrou.

Ternos votos elle inflamma
Em ardor ſuave, e puro:
Corações de bronze duro
N'outra chamma incendiou.

E ſabendo, que eſtes valles
Só me dão crueis abrolhos,
Co' a doçura dos teus olhos
Os meus males abrandou.

Vi Cupido, ó Glaura, hum dia,
Em que ardia o Sol no prado,
E ſentado entre arvoredos,
Mil ſegredos me moſtrou.

O BOSQUE DEDICADO AOS AMORES.

Rondó XLII.

DUros troncos, verde prado;
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a ſuspirar.

Doce Amor aqui me inflamma,
Deſcobrindo os ſeus ſegredos:
Eu ouvi entre os rochedos
Nova chamma a preparar.

Quiz fugir por eſtes valles;
Receei, que elle me viſſe:
E riſonho então me diſſe,
„ Vou teus males abrandar. „

Du-

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a ſuspirar.

Eſte Rio vagaroſo,
Que enamora as altas penhas,
Apartando-ſe das brenhas,
Vai ſaudoſo para ò mar.

Neſta gruta amor inspira
Os deſejos mais ſuaves:
Sobre a planta, ſobre as aves
Vôa, e gira ſem ceſſar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a ſuspirar.

Naſce aqui mimoſo o trevo,
E o ſerpão, e a mangerona:
Os tributos de Pomona
Mal me attrevo a numerar.

Bella, candida, innocente
A alegria ſem queixumes
Os pezares, e os ciumes
Não conſente aqui chegar.

Duros troncos, verde prado;
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a ſuspirar.

Co's prazeres, co' a ternura,
Co' as delicias da floreſta:
Glaura vem no ardor da ſeſta
A frescura respirar.

Dei-

Deixarei aqui gravada
Breves cifras amorosas,
E estes lirios, e estas rosas,
Que enlaçadas ha de achar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos Amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

O AMOR.

Rondó XLIII.

MEu peito se inflamma;
O' Nynfa, soccorro,
Piedade, que eu morro
Na chamma de Amor.

Se os dias ſerenas
Com doces victorias,
Serão ſempre glorias
As penas de Amor.

Enxuga ó meu pranto;
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

Triunfe a ternura
Nas cordas da lyra;
Que branda me inſpira
Doçura de Amor.

Dá fim aos deſgoſtos
Que nutre o receio,
E anîma em teu ſeio
Os goſtos de Amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

Por ver, que te agrava
Meu terno gemido,
O tinha eſcondido
Na aljava de Amor.

Mas entre pezares
Suſpira, e te roga
Conforto, e ſe affoga
Nos mares de Amor.

Enxuga o meu pranto;
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

Can-

Cantou paſſarinho
Com voz liſongeira,
Que vio na mangueira
O ninho de Amor.

Alegra os rochedos;
E aprende deſta ave
No canto ſuave
Segredos de Amor.

Enxuga o meu pranto;
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

O monte me eſcuta;
Reſpondem as brenhas,
Que buſque nas penhas
A gruta de Amor.

As magoas contemplo
E a dor, que me cança:
Envio a Esperança
Ao templo de Amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já se offende
De tanto rigor.

Vem ver nestes valles
Os mimos de Flora,
E o triste', que chora
Os males de Amor.

Respire a minha alma,
Que geme, que espera:
E ganhe em Cythera
A palma de Amor.

En-

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

Se amante annuncias
Prazeres ditoſos;
Serão precioſos
Os dias de Amor.

Ah deixa os rigores,
Dar-te hei, Glaura bella,
Em nova capella
Mil flores de Amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende:
O Ceo já ſe offende
De tanto rigor.

A'

A' AUZENCIA.

Rondó XLIV.

MUſgoſa, e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus ſegredos
Confia o terno Amor.

Ouvi, ó duras penhas;
Ouvi a minha dor.

Chorando a bella Glaura
Me teve nos ſeus braços:
Ah! que tão doces laços
Não vio já mais o amor.

Na-

Naquelle trifte dia
Morreo minha efperança;
Deixando na lembrança
Mais vivo o meu ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

Eu vi nadar em pranto
Aquelles olhos bellos,
E foltos os cabellos,
Comque brincava Amor.

Já rouca fufpirando
De magoa, e de ternura,
Co' a mão no peito jura
O mais conftante ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

Nas vêas géla o ſangue,
Se choras Glaura afflicta:
O coração palpita,
E foge a viva côr.

Funeſta deſventura!
Cruel, impio deſterro!
Porque de bronze, ou ferro
Me não formaſte, Amor?

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

Por mim nos verdes troncos
Seu nome foi gravado;
Creſcia o nome amado,
Creſcia o meu amor.

Ago-

Agora entre ſuſpiros
Na funebre eſpeſſura
Lamento a ſorte eſcura...
Ai, miſero Paſtor!

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

Nas Libycas areas,
Ou ſobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Paſſára ſem temor.

Mas longe dos ſeus olhos,
Me aſſuſta a morte avara,
E o mar, que nos ſepara,
Separa o noſſo amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

Sonôra, e branda Lyra
Das Muſas temperada,
Aqui ſerás deixada
Por victima de Amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dor.

OS SUSPIROS.

Rondó XLV.

SE algum dia, Glaura bella,
Viſitar eſtes retiros;
Ouça os miſeros ſuſpiros,
Que infeliz entrego ao ar.

Se-

Seja eſte aſpero rochedo
Quem repita as minhas mágoas;
E o ruido deſtas agoas
Quem lhe pinte o meu peſar.

Ah! conſerva, Amor, que ouviſte
O meu triſte ſuſpirar.

Guarda amante, e compaſſiva
Flebil Echo, que me eſcutas,
Na aſpereza deſtas grutas
Retratado o meu penar.

Aqui Glaura pela tarde
Que decline a calma eſpera,
Qual a Deoſa de Cythéra,
Quando ſahe do fundo mar.

Ah! conſerva, Amor, que ouviſte
O meu triſte ſuſpirar.

A LYRA DESGRAÇADA.

Rondó XLVI.

NEste Loiro pendurada
Ficarás, ó doce Lyra,
Onde o vento, que respira,
Te fará soar de amor.

Féras, troncos, e rochedos
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Adeos, Lyra desgraçada,
Consagrada ao triste Amor.

Plan-

Plantei na alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos;
Vi nafcer crueis abrolhos,
Em lugar do terno amor.

Eftes bofques, eftas fontes,
Eftas flores, efte prado,
Tudo (oh! Ceos) vejo mudado,
Tudo fente a minha dor.

Adeos, Lyra desgraçada,
Confagrada ao trifte Amor.

☼ ——— ☼

AS GRAÇAS.

Rondó XLVII.

SE apparece Glaura bella,
Vejo as Graças melindrofas,
Que jafmins, lyrios, e rofas
Desfolhando alegres vem.

O

O prazer diſſipa as magoas,
Os deſgoſtos, e os ciumes:
Enche o ar de mil perfumes,
Que nas brancas azas tem.

Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.

De vós, Dryades formoſas,
Saiba Glaura os meus amores;
Dai-lhe conchas, dai-lhe flores,
Dai-lhe lagrimas tãobem.

Ah! pintai-lhe neſta fonte
Qual ſerá minha ventura,
Se nos braços da ternura
Deixa amante o ſeu deſdem.

Leva, Amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.

A MAGOA.

Rondó XLVIII.

HAmadryade me disse,
Que fugisse deste monte;
E na fonte, e na floresta
Vi funesta a minha dor.

Sobre nuvens, e entre raios,
Oh que monstro! a Febre vinha;
E na mão por lanças tinha
Os desmaios, o terror.

Mais cruel a morte a segue,
Espantosa, feia, e dura,
Que só victimas procura,
Em que empregue o seu furor.

Hu-

Hamadryade me diſſe,
Que fugiſſe deſte monte,
E na fonte, e na floreſta
Vi funeſta a minha dor.

Geme o pallido deſgoſto,
Envolvido em negro manto:
Geme, e chora, e no ſeu pranto
Cobre o roſto o triſte Amor.

Tudo, ó Ceos! tudo me aſſuſta
Temo... ai Nynfa deſgraçada!
Temo Eſtrella ſempre irada,
Sempre injuſta em ſeu rigor.

Hamadryade me diſſe,
Que fugiſſe deſte monte,
E na fonte, e na floreſta
Vi funeſta a minha dor.

Ce-

Cede Glaura, ó campo! ó lares!
Cede aos miſeros deſtinos,
E em ſeus olhos cryſtalinos
Dos pezares vejo a cor.

Onde eſtão os doces laços?
Onde eſtão? ah! ver não quero;
Ai de mim! que mais eſpero
Já nos braços do pavor!

Hamadryade me diſſe;
Que fugiſſe deſte monte,
E na fonte, e na floreſta
Vi funeſta a minha dor.

O lamento, a mortal ancia
Me acompanhão neſtes valles,
E eſmorece em tantos males
A conſtancia, e o valor.

Se te occulta a terra fria;
Que farei neſtes retiros?
Ouve, ó Glaura, ouve os ſuſpiros,
Que te envia o teu paſtor.

Hamadryade me diſſe,
Que fugiſſe deſte monte,
E na fonte, e na floreſta
Vi funeſta a minha dor.

O RIO.

Rondó XLIX.

CHora o Rio entre arvoredos,
Nos penedos recoſtado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Vem

Vem as Graças lagrimosas,
E os Amores sem ventura
Nesta fria sepultura
Pranto, e rosas derramar.

Por ti, Glaura, a Natureza
Se cobrio de magoa, e luto:
Quanto vejo, quanto escuto
He tristeza, e he pezar.

Chora o Rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

A escondida, aspera furna
Deixão satyros agrestes,
E de lúgubres cyprestes
Vem a urna circular.

Vem ſaudades, vem delirios,
Vem a dor, vem o deſgoſto
Co' cabellos ſobre o roſto
Murta, e lyrios eſpalhar.

Chora o Rio entre arvoredos,
Nos penedos recoſtado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

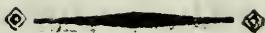
Neſtes ramos flebil aura
Triſte vôa, e preza gira:
Glaura aqui, e alî ſuſpira,
Torna *Glaura* a ſuſpirar.

Echo, ás Dryades magôa,
O ſaudoſo nome ouvindo;
E na gruta repetindo,
Glaura sôa, e geme o ar.

Chora o Rio entre arvoredos,
Nos penedos recoſtado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Glaura, ó Morte enfurecida,
Eſpirou... que crueldade!
E podeſte ſem piedade
Sua vida arrebatar?

Cahe a noite, a nevoa groſſa
Turba os Ceos co' manto eſcuro;
E eu afflicto em vão procuro
Quem me poſſa conſolar.

Chora o Rio entre arvoredos,
Nos penedos recoſtado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

A LUA.

Rondó L.

COmo vens tão vagaroſa,
O' formoſa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz ſerena
Minha pena conſolar.

Geme (oh Ceos!) mangueira antiga
Ao mover-ſe o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a ſuſpirar.

Entre pallidos deſmaios
Me achará teu roſto lindo,
Que ſe elleva, reflectindo
Puros raios ſobre o mar.

Co-

Como vens tão vagarofa,
O' formofa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz ferena
Minha pena confolar.

Sente Glaura mortaes dores:
Os prazeres fe occultarão,
E no feio lhe ficarão
Os Amores a chorar.

Infeliz! fem lenitivo
Foge tímida a efperança,
E me afflige co' a lembrança
Mais activo o meu pezar.

Como vens tão vagarofa,
O' formofa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz ferena
Minha pena confolar.

A cançada fantasia
Nesta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.

Já me assaltão, já me ferem
Melancolicos cuidados!
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

Oh que lugubre gemido
Sahe daquelle cajueiro!
He do passaro agoureiro
O sentido lamentar!

Pu-

Puro Amor!.. terrivel ſorte!..
Glaura bella!.. infauſto agoiro!..
Ai de mim! e o meu theſoiro,
Impia Morte, has de roubar!

Como vens tão vagaroſa,
O' formoſa, e branca Lua!
Vem co' a tua luz ſerena
Minha pena conſolar.

A DOR.

Rondó LI.

VIve, ó Glaura, neſtes valles
De meus males a memoria:
Muda hiſtoria, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Torno a ver eſte alto monte,
E os antigos arvoredos:
Torno a ver eſtes rochedos,
E da fonte o puro humor.

Companheira das deſgraças,
Tudo a morte desfigura:
Já voarão co'a ventura
Ternas graças, brando Amor.

Vive, ó Glaura, neſtes valles
De meus males a memoria:
Muda hiſtoria, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

O meu canto harmonioſo
Eſtes boſques aprenderão,
Quando as Nynfas prometterão
Fim ditoſo ao meu ardor.

On-

Onde, ó barbaro deſtino,
Onde eſtão as vãs promeſſas?
Na minha alma as deixa impreſſas,
O ferino teu rigor.

Vive, ó Glaura, neſtes valles
De meus males a memoria:
Muda hiſtoria, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Amoroſo os meus tributos
Neſte ramo pendurava:
Eu fugia; e Glaura achava
Ora os fructos, ora a flor.

Hoje, ó Ceos! o meu eſpanto
Neſtes funebres retiros
Vê ſaudades, vê ſuſpiros,
Triſte pranto, e feio horror.

Vive, ó Glrura, neſtes valles
De meus males a memoria:
Muda hiſtoria, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Nunca extincta!.. ingrata Eſtrella!
Nunca mais eu hei de ver-te?
Ai de mim! e ha de perder-te,
Glaura bella, o teu Paſtor?

Só tu, Dryade, me eſcutas,
Encoſtada ao duro tronco!
E gemendo o Fauno bronco
Enche as grutas de pavor.

Vive, ó Glaura, neſtes valles
De meus males a memoria:
Muda hiſtoria, que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

A ROSEIRA.

Rondó LII.

AH! Roſeira deſgraçada
Dedicada aos meus Amores,
Tuas flores mal ſe abrirão,
E cahirão de pezar!

Quando Glaura me dizia,
Que era ſua eſta roſeira,
De eſperança liſongeira
Me ſentia conſolar.

Mas a ſorte, que invejoſa
Eſte alivio não conſente,
Não ha mal, que não invente
Rigoroſa em maltratar.

Ah

Ah! Roſeira deſgraçada,
Dedicada aos meus Amores,
Tuas flores mal ſe abrirão,
E cabirão de pezar!

Da riſonha Primavera
Eſperei os dias bellos:
Glaura... oh dôr! os teus cabellos
Quem podéra coroar.

Já não vives, oh! que magoa!
E a roſeira, que foi tua,
Eu a vejo eſteril, nua,
Junto d'agoa deſmaiar.

Ah! Roſeira deſgraçada,
Dedicada aos meus Amores,
Tuas flores mal ſe abrirão,
E cabirão de pezar!

Parca iniqua, atroz, funesta,
Era teu o infausto agoiro;
Já levaste o meu thesoiro,
Mais não resta, que roubar.

Nem as flores permittiste...
Oh! que barbara impiedade!
Fica só cruel saudade,
Fica o triste suspirar.

Ah! Roseira desgraçada,
Dedicada aos meus Amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

De teus ramos a belleza
Era o mimo destes prados;
Move agora (ó impios Fados!)
De tristeza a lamentar.

Horrorofos são meus males;
Tudo encontro em nevoa efcura;
Vem comigo à Defventura
Eftes valles affombrar.

Ah! Rofeira defgraçada,
Dedicada aos meus Amores;
Tuas flores mal fe abrirão,
E cahirão de pezar!

ORFEO.

Rondó LIII.

QUando a Efpofa procuraſte,
Abrandafte o Reino trifte;
E inda vifte a formofura
Sem ventura, ó doce Orfêo.

O trifauce Cão raivoſo
T' eſcutou cheio de eſpanto:
O inflexivel Rhadamanto
Lagrimoſo ſe moveo.

Cahe das mãos o fio á Parca:
Ergue atrôz Megera a fronte:
Tua dôr ſentio Charonte,
E da barca s' eſqueceo.

Quando a Eſpoſa procuraſte,
Abrandaſte o Reino triſte,
E inda viſte a formoſura
Sem ventura, ó doce Orfeo.

Cóme Tántalo esfaimado:
De Ixion ſe aparta o medo:
Deixa Sizyfo o rochedo,
E ſentado adormeceo.

Não temeste o vulto afflicto
Da tartarea antiga Noite,
Que medonha o ferreo açoite
No Cocyto suspendeo.

Quando a Esposa procuraste,
Abrandaste o Reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfeo.

A pezar do fero damno,
Só Eurydice buscavas:
Só Eurydice choravas,
E Summano a concedeo.

Tu a vês saudoso; e terno;
Ah! cruel, e vão prodigio!
Foge a sombra pelo Estygio,
E no Averno em fim gemeo.

Quan-

Quando a Eſpoſa procuraſte,
Abrandaſte o Reino triſte,
E inda viſte a formoſura
Sem ventura, ó doce Orfeo.

Glaura aqui... aqui ſe eſconde
Vida, amor, goſto, e belleza...
Glaura!... oh Ceos! mortal triſteza
Me reſponde já morreo.

Mas infauſta a morte gira
Sempre ſurda a meu lamento;
E de mágoa, e de tormento
Rouca a lyra emmudeceo.

Quando a Eſpoſa procuraſte,
Abrandaſte o Reino triſte,
E inda viſte a formoſura
Sem ventura, ó doce Orfeo.

A ARVORE.

Rondó LIV.

A Deos, arvore frondoſa,
Venturoſa em toda a idade!
O' ſaudade! ó pena! eu morro
Sem ſoccorro a delirar.

Deſte boſque alto, e ſombrío
Sobre a margem da floreſta
Vinha Glaura pela féſta
Valle, e rio enamorar.

Tua Dryade a chamava;
O' mangueira, ó dias bellos!
E entre pomos amarellos
Me eſperava a ſuſpirar.

A

Adeos, arvore frondoſa,
Venturoſa em toda a idade!
O' ſaudade! ó pena! eu morro
Sem ſoccorro a delirar.

Quando o vento eſtremecia
Neſſa rama verde eſcura,
Glaura chea de ternura
Se affligia de eſperar.

Os teus fructos merecerão
Ser por ella preferidos,
E o meu pranto, e os meus gemidos
A ſouberão abrandar.

Adeos, arvore frondoſa,
Venturoſa em toda a idade!
O' ſaudade! ó pena! eu morro
Sem ſoccorro a delirar.

Mor-

Morte iniqua ... ai, Fado efcuro!
Ceo piedofo! eu efmoreço!
Tudo fente o que eu padeço;
Quanto he duro o meu penar!

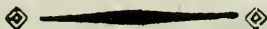
Onde eu via as tenras flores
Vejo cardos, vejo efpinhos:
Já não ouço os paffarinhos
Seus amores gorgear.

Adeos, arvore frondofa,
Venturofa em toda a idade!
O' faudade! ó pena! eu morro
Sem foccorro a delirar.

Ai de mim! ó vida trifte!
Dôr cruel! terna lembrança!
Acabou minha efperança,
Só exifte o meu pezar.

Glau-

Glaura! ah! Glaura! em vão te chamo!
Chora amor, e quasi espira,
E me manda a doce Lyra
Neste ramo pendurar.

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade! ó pena! eu morro
Sem soccorro a delirar.

AS CORDEIRINHAS.

Rondó LV.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Pô-

Pôde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te dos meus braços!
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.

Só por Glaura se alegravão
Faunos, Dryades, Pastores:
Estes campos, estas flores
Respiravão só de a ver.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Neste misero destroço
Vem, ó Parca endurecida,
Córta os fios d' huma vida,
Que não posso já soffrer.

O ſilencio triſte, e mudo
Vive neſta ſoledade,
Vive a funebre ſaudade,
Que faz tudo enternecer.

Cordeirinhas innocentes,
Deſcontentes na eſpeſſura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Geme Glaura; mas não chora;
Ai de mim! que o ſeu gemido,
Na minha alma repetido
Inda agora a faz tremer.

Quaſi immovel, e turbada
Co' a mão trémula m' acena;
Eu a vejo, ó Ceos, que pena!
Deſcorada eſmorecer.

Cor-

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Disse em fim: „ Adeos, ó Prados,
„ Ah Pastor! as crias bellas...
„ Que momento!.. ah! possão ellas
„ Teus cuidados merecer!

Falta a voz... não lhe permitte
Fria morte; acerbas mágoas!
Já meus olhos não tem agoas,
Nem limite o padecer.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

A'

A' MORTE.

Rondó LVI.

O Prazer, a ſingeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um ſó dia (ingrata ſorte!)
Tudo a morte me roubou.

Eſculpido na memoria
Amo, ó Glaura, o teu ſemblante;
Nelle vejo a cada inſtante
Eſſa gloria, que paſſou.

Volve o rio as puras agoas,
Vai correndo, e não deſcança;
Aſſim foi minha eſperança,
E ſó mágoas me deixou.

O prazer, a ſingeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um ſó dia (ingrata ſorte!)
Tudo a morte me roubou.

Neſte boſque, em verde leito,
Que já foi por ti ditoſo,
Leio o nome teu ſaudoſo,
Que em meu peito o amor gravou.

Eſte monte, que já viſte
Pelas Graças habitado,
Dellas hoje deſprezado,
Feio, e triſte ſe tornou.

O prazer, a ſingeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um ſó dia (ingrata ſorte!)
Tudo a morte me roubou.

Glau-

Glaura chamo ſem conforto,
E ſó Echo me reſponde:
Glaura buſco, e não ſei onde,
Nem ſe morto, ou vivo eſtou.

Aſſim triſte paſſarinho
A conſorte em vão procura,
Que farpada ſetta dura
Do ſeu ninho arrebatou.

O prazer, a ſingeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um ſó dia (ingrata ſorte!)
Tudo a morte me roubou.

Voráz tempo não conſome,
Nem abranda meus pezares,
Nem eu deixo eſtes lugares
Que o teu nome eterniſou.

En-

Entre os concavos rochedos
Chorarei enternecido,
Onde amor compadecido
Meus ſegredos ſepultou.

O prazer, a ſingeleza,
A bellèza, que em ti via,
N'um ſó dia (ingrata ſorte!)
Tudo a morte me roubou.

A SAUDADE.

Rondó LVII.

T*Udo, ó Glaura, tudo exiſte*
Feio, e triſte de ſaudade:
Vôa a idade, e não conſome
O teu nome, e o meu amor.

Ai de mim! a noite eſcuta
Pavoroſa o ſom das agoas!
Turbarei co' as minhas magoas
Deſta gruta o mudo horror.

Vem, ó morte, eu não m'eſpanto;
Vem cruel, armada, e fera:
Rouco, e funebre te eſpera
O meu pranto, a minha dôr.

Tudo, ó Glaura, tudo exiſte
Feio, e triſte de ſaudade:
Vôa a idade, e não conſome
O teu nome, e o meu amor.

Entre as mãos do Fado acerbo
Eu te vi desfalecida,
Qual a Pomba já ferida
Do ſoberbo, iniquo Açor.

Tal

Tal, a ovelha mais formosa
Levas, tigre ensanguentado:
Assim rompes, tosco arado,
A mimosa, e tenra flor.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio, e triste de saudade:
Vôa a idade, e não consome
O teu nome, e o meu amor.

Com pezar, e com desgosto
Espirou minha alegria
Quando (ó Ceos!) no infausto dia
O teu rosto vi sem côr.

Os teus olhos.... ah! que eu sinto
Mais intensa a magoa dura!
Eu os vi em sombra escura,
Já extincto ó esplendor.

Tudo, ó Glaura, tudo exiſte
Feio, e triſte de ſaudade;
Vôa a idade, e não conſome;
O teu nome, e o meu amor.

Sobre a penha afflicto, e terno
Gravarei funeſta hiſtoria;
E das Nynfas na memoria
Fique eterno o meu ardor.

Cercarei de rôxos lyrios
O lugar em que deſcanças;
Ai, perdidas eſperanças,
Vãos delirios do Paſtor!

Tudo, ó Glaura, tudo exiſte
Feio, e triſte de ſaudade;
Vôa a idade, e não conſome
O teu nome, e o meu amor.

O SOL.

Rondó LVIII.

QUando vejo o Sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

Oh! memoria! oh! desventura!
Glaura aqui se demorava,
E comigo respirava
A frescura no verão.

Infeliz! já nestes montes
Deu á Parca o seu tributo;
Com saudade, e eterno luto
Estas fontes choraráõ.

Quan-

Quando vejo o Sol doirado
Deſmaiado ſobre as agoas,
Creſcem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

Rizos, Graças (que tormento!)
Deſtes valles ſe apartarão,
E fugindo, me deixarão
Só lamento, e confuſão.

Falta ás Dryades mimoſas
A belleza, que perderão;
Pelos troncos ſe eſconderão.
Lagrimoſas inda eſtão!

Quando vejo o Sol doirado
Deſmaiado ſobre as agoas,
Creſcem magoas n' alma afflicta,
E palpita o coração.

Ah! depois que meus amores
Virão Glaura em ferreo ſomno,
Não me alegra mais o Outono,
Nem das flores a Eſtação.

Buſco fúnebres lugares
Nos penhaſcos deſabridos:
Levo a dôr, levo gemidos,
E pezares, e afflição.

Quando vejo o Sol doirado,
Deſmaiado ſobre as agoas,
Creſcem magoas n' alma afflicta,
E palpita o coração.

He tão barbaro, e tão fero
O rigor da minha ſorte;
Que a funeſta, e ſurda morte
Triſte eſpero, e chamo em vão.

Do-

Doce amor! ah! que eſta pena
Meus prazeres não reſtaura;
Ou me torna a linda Glaura,
Ou modera tal paixão.

Quando vejo o Sol doirado,
Deſmaiado ſobre as agoas,
Creſcem magoas n' alma afflicta,
E palpita o coração.

A LYRA.

Rondó LIX.

ADeos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E ſe queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

Já

Já o Anfriſo em rude teto
Te eſcutou, ó Lyra d' oiro,
Quando vio o moço loiro,
Que de Admeto foi Paſtor.

Pelas grutas eſquecido,
Mudo ſatyro te ouvia:
Brando zèfiro attendia,
Suſpendido, e ſem rumor.

Adeos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E ſe queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

Arrojado ao pego turvo,
Arion harmonioſo
Foi comtigo venturoſo
Sobre o curvo nadador.

Vio

Vio nos humidos lugares
Entre a turba ſem limite,
Glaura, Doris, e Anfitrite,
E dos mares o ſenhor.

Adeos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E ſe queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

C'os teus ſons, mais do que humano
Commoveo os duros troncos,
Arraſtou rochedos broncos
O Thebano fundador.

Tu venceſte o carrancudo,
Negro Averno, ſempre afflicto;
E abrandaſte do Cocyto
O ſanhudo ladrador.

Adeos

Adeos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

Geme agora; se he que viste
Espirar... e nos meus braços...
Glaura... oh! Ceos! oh! puros laços!
Dia triste! horrivel dor!

Rouca a voz... o peito frio...
Vista incerta..., ai, Glaura! oh! sorte!
Tremo... choro... insulto a morte,
Desafio o seu rigor.

Adeos, Lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura! ai, doce Amor!

Mas

Madrigal I.

Suave fonte pura,
Que desces murmurando ſobre a arêa,
Eu ſei que a linda Glaura ſe recrêa
Vendo em ti de ſeus olhos a ternura:
Ella já te procura;
Ah! como vem formoſa, e ſem deſgoſto!
Não lhe pintes o roſto:
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade
Meu terno amor, minha infeliz ſaudade.

II.

Nynfas, e bellas Graças,
O Amor ſe occulta, e não ſabeis aonde:
As voſſas ameaças
Elle ouve, eſpreita, ri-ſe, e não reſponde.
Mas, ah! cruel! e agora me traſpaſſas?
Nynfas, e bellas Graças, (de;
O Amor ſe occulta; eu já vos moſtro aon-
Neſte peito (ai de mim!) o Amor ſe eſ-
(conde.

III.

III.

Voai, ſuſpiros triſtes ;
Dizei á bella Glaura o que eu padeço,
Dizei o que em mim viſtes,
Que choro, que me abraſo, que eſmoreço.
Levai em rôxas flores convertidos
Lagrimoſos gemidos, que me ouviſtes :
Voai, ſuſpiros triſtes ;
Levai minha ſaudade ;
E, ſe amor, ou piedade vos mereço,
Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

IV.

Dryade, tu, que habitas amoroſa
Da mangueira no tronco áſpero, e duro,
Ah ! recebe piedoſa
A grinalda, que terno aqui penduro ;
Pela tarde calmoſa
Glaura ſaudoſa, e bella
Te buſca, e vem com ella mil amores ;
Mil ſuſpiros te deixo entre eſtas flores.

V.

V.

Folha por folha, e cheio de ternura
Beijarei esta Angelica mimosa,
Beijarei esta Rosa, (sura.
Que hão de adornar de Glaura a formo-
Ah! ventura! ventura,
Comigo sempre esquiva,
Mostra-te compassiva a meus amores.
Beije Glaura estas flores,
E os encontrados beijos
Dêm novo, e puro ardor a meus desejos.

VI.

Neste áspero rochedo,
A quem imitas, Glaura sempre dura,
Gravo o triste segredo
D'hũ amor extremoso, e sem ventura.
Os Faunos da espessura
Com sentimento agreste
Aqui meu nome cubrão de cypreste;
Ornem o teu as Nynfas amorosas
De goivos, de jasmins, lyrios, e rosas.

VII.

VII.

O' ſombra deleitoſa,
Onde Glaura ſe abriga pela ſéſta, (ta,
Em quanto o ardor do Sol os prados créſ-
Ah! defende eſtes lyrios, e eſta roſa.
E, ſe a Nynfa mimoſa
Perguntar quem colheo as lindas flores,
O' ſombra deleitoſa,
Dize-lhe que os amores
E a tímida ternura
Do Paſtor namorado, e ſem ventura.

VIII.

Adeos, ó doce lyra;
Ficarás neſte ramo pendurada.
Ao vento, que ſuſpira,
Reſponda a tua voz triſte, e cançada.
Já foſte dedicada
Ao puro Amor, ás Graças melindroſas:
Ellas gemem ſaudoſas,
E o miſero Paſtor chorando eſpira.
Adeos, ó doce lyra,
Fiel, e deſgraçada;
Ficarás neſte ramo pendurada.

IX.

IX.

O' Mangueira feliz, verde, e ſombria,
Conſerva eſtes de amor fiéis tributos;
Aſſim no ſêcco Agoſto a nevoa fria
Não venha deſtruir teus novos frutos.
He eſte o fauſto dia,
Que vio naſcer de Glaura a formoſura:
Chegue aos Ceos a ternura
Deſte vóto ſincero;
E alegre eu ver eſpero,
Que triunfem da ſorte, e de ſeus damnos
A belleza, o amor, a gloria, os annos.

X.

Dias infauſtos, dias de ventura
Notou antigo povo, ó Glaura bella:
Huns louvão ſua eſtrella;
Outros chamão a ſorte ingrata, eſcura.
Minha eſtrella benigna, ou ſorte dura
Dos teus olhos depende:
Amor o ſabe, e quem de amor entende;
Pois não póde haver dia venturoſo,
Se padeço ſaudoſo;
Nem dia deſgraçado,
Se conſigo feliz teu doce agrado.

XI.

XI.

Baſta ; baſta : encalhemos ,
Sem fortuna , e ſem gloria
Leve barquinho meu, ah ! não deixemos
De miſero naufragio triſte hiſtoria.
Baſta , baſta : encalhemos ;
E nos muros de Gnido por memoria
De cançadas fadigas penduremos
As ancoras , os remos ,
O leme deſtroçado , as rotas vellas ,
Vão ludibrio das horridas procellas.

XII.

Suave Primavera ,
Coroada de flores ,
Oh ! quem goſar podéra
O prazer venturoſo dos Paſtores !
Conſtante por meu mal nos ſeus rigores,
Glaura por ti ſuſpira ,
Ao campo ſe retira , e lá te eſpera ;
Suave Primavera,
Coroada de flores,
Vem riſonha alegrar os meus amores.

XIII.

XIII.

Cruel melancolia,
Companheira infeliz da desventura;
Se aborreces a luz do claro dia,
E te alegras no horror da noite eſcura;
Minha dor te procura,
Pavoroſa apalpando a eſcuridade.
A lugubre ſaudade
Te espera: ah! não recêes a alegria,
Cruel melancolia,
Cruel ingrata, e dura,
Companheira infeliz da desventura.

XIV.

Do teu Paſtor, ó Nynfa, allegra os olhos,
Os triſtes olhos de chorar cançados:
Não vejão ſó abrolhos,
Vejão flores tambem por eſtes prados.
Seus miſeros cuidados
O teu roſto converte em alegria.
Porque foges? ah! vem; e neſſe dia
Feliz enxugue as lagrimas, que chora.
Serás a bella Aurora,
Surgindo no horiſonte,
Que annuncia prazer ao valle, e ao monte.

XV.

XV.

No ramo da mangueira venturoſa
Triſte emblema de amor gravei hũ dia,
E ás Dryades ſaudoſo offerecia
Os brandos lyrios, e a purpurea roſa.
Então Glaura mimoſa
Chega do verde tronco ao doce abrigo...
Encontra-ſe comigo...
Perturbada ſuſpira, e cobre o roſto.
Entre esperança, e goſto
Deixo lyrios, e roſas... deixo tudo;
Mas ella foge (ó Ceos!) e eu fico mudo.

XVI.

Guarda, cruel Fortuna, poderoſa
Os theſoiros de Midas, e os de Creſſo;
Ouvindo as triſtes magoas, que padeço,
Seja a inſenſivel Glaura mais piedoſa.
Chore hũ dia ſaudoſa,
Suspire de ternura neſte prado,
E mude em doce agrado os ſeus rigores:
Só por eſtes favores
Meu coração com rogos te importuna;
Guarda, cruel Fortuna; eu não te peço
Os theſoiros de Midas, nem de Creſſo.

XVII.

XVII.

Glaura, formosa Glaura, estes momentos
Como vão appressados!
Não correrão assim entre cuidados,
E miseros lamentos.
Puros contentamentos,
Que haveis de despertar minha saudade;
Demorai por piedade
Esta gloria de amor, esta ventura.
Ai, suave ternura!
Em negro carro a noite desce agora.
E no Ceo já scintilla a branca Aurora.

XVIII.

Suave Agosto, as verdes laranjeiras
Vem feliz matisar de brancas flores,
Que; abrindo as leves azas lisongeiras,
Já Zefiro respira entre os Pastores.
Nova esperança alenta os meus ardores
Nos braços da ternura.
O' dias de ventura,
Glaura vereis á sombra das mangueiras!
Suave Agosto, as verdes laranjeiras
Co' a turba dos Amores
Vem feliz matizar de brancas flores.

XIX.

O' ſomno fugitivo,
De vermelhas papoulas coroado,
Torna, torna amoroſo, e compaſſivo
A conſolar hum triſte, e desgraçado.
Gemendo neſta gruta recoſtado,
Sinto mortal desgoſto;
Não vejo mais que o roſto descorado
Da ſaudade, e da magoa, com que vivo;
O' ſomno fugitivo,
Torna, torna amoroſo, e ſuspirado
A consolar hum triſte, e desgraçado.

XX.

Não fujas, vem, ó Glaura,
Piedoſa conſolar o meu tormento.
Já terna, e feliz aura
Brando respira o perguiçoso vento:
Já cobrão novo alento
Os duros troncos, as mimoſas flores.
Co' as Graças, e os Amores
Alegre a natureza ſe reſtaura:
Não fujas, vem, ó Glaura,
Vem por hum ſó momento
Piedoſa conſolar o meu tormento.

XXI.

Mostras-me, ó Glaura, a bella raridade
De tres conchas formosas:
Mas eu te mostrarei da nossa idade
Tres maravilhas raras, e extremosas.
Não são metáes, nem pedras preciosas,
Nem flores, que produz a Natureza:
São a tua belleza, os teus rigores,
E os desgraçados meus fieis amores.

XXII.

Já viste sobre o mar formando giros
D' aves ligeiras turba graciosa?
Assim vagão nos ares mil suspiros,
O' Glaura venturosa;
Mas se queres piedosa
Recolher o que leva as minhas dores;
Não chames os que são de varias cores,
Nem verdes, nem azuis, nem cor de rosa;
Chama aquelle, que já cançado gira,
Que espira de ternura,
E as azas rôxas tem de magoa pura.

XXIII.

Copada Laranjeira, onde os Amores
Virão paſſar de Agoſto os dias bellos
Então de brancas flores
Adornaſte riſonha os ſeus cabellos.
A fortuna propicia aos teus diſvellos
Annuncia feliz novos favores:
Glaura torna: ah! conſerva liſongeira,
Copada Laranjeira por tributos
Na rama verde-eſcura os aureos frutos.

XXIV.

Não deſejo de Tempe o verde prado
Em perpetua, e riſonha Primavera:
O valle não deſejo de Cythéra
Sempre de puros lyrios esmaltado:
Se chego a merecer teu doce agrado,
O' Glaura, que ventura!
Neſta alegre eſpeſſura,
A' ſombra recoſtado,
Vejo de Tempe, e de Cythera as flores,
E as lindas Graças, e os fieis Amores.

XXV.

XXV.

Suspiro lagrimoſo,
Que foges do meu peito ſem ventura,
Se queres ſer ditoſo,
A bella Glaura enternecer procura.
Moſtra-lhe o doce amor, a magoa pura,
O miſero tormento,
Cruel triſteza, e funebre lamento
De quem morre ſaudoſo:
Suſpiro lagrimoſo,
Se queres ter ventura,
A bella Glaura enternecer procura.

XXVI.

Vês, Nynfa, em alva eſcuma o pégo irado
Que as penhas bate com furor medonho?
Inda o verás riſonho, e namorado
Beijar da longa praia a ruiva arêa:
Doris, e Galatéa
Verás em concha azul ſobre eſtas agoas.
Ah! Glaura! ai, triſtes magoas!
Socega o mar quando repouſa o vento;
Mas quando terá fim o meu tormento?

XXVII.

XXVII.

Neste lugar saudoso,
O' doce Lyra, o puro amor cantemos;
A's grutas ensinemos
Da bella Glaura o nome venturoso.
Ao som do teu suspiro harmonioso
Parou o vento : a fonte não murmura.
Lyra... Amor... que ternura! suspiremos
Neste lugar saudoso,
E ás grutas ensinemos
Da bella Glaura o nome venturoso.

XXVIII.

Crescei, mimosas flores,
Adornai a verdura deste prado :
Já zefiro apparece entre os Amores
Risonho, e socegado :
Da amavel Primavera o doce agrado
Novo prazer inspira ás Graças bellas :
Verei brincar entre ellas
A Nynfa mais cruel nos seus rigores.
Crescei, mimosas flores;
Fugio o Inverno triste, e congelado;
Adornai a verdura deste prado.

XXIX.

XXIX.

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matiza a bella Flora,
O *Jambo*, que os Amores
Colherão ao surgir a branca Aurora.
A Dryade suspira, geme, e chora
Afflicta, e desgraçada.
Ella foi despojada... os ais lhe escuto...
Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceo primeiro,
Ou fructo, que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo.

XXX.

Rochedo suspirado,
Conserva por piedade estes gemidos,
Até que hum dia Amor menos irado
Os leve em rôxas flores convertidos.
Serão da bella Glaura recebidos;
Mas ai, q̃ o seu rigor não tem mudança,
E até falta a esperança ao desgraçado!
Rochedo suspirado,
Já que ouviste os meus ais enternecidos,
Conserva por piedade estes gemidos.

XXXI.

XXXI.

Se eu conseguisse hũ dia o ser mudado,
Em verde Beijaflor, oh que ventura!
Desprezara a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre, e namorado
Me verias, ó Glaura, em novos giros
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

XXXII.

Jasmins, e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira:
A' fonte Glaura vinha,
Escondi-me entre a rama lisongeira:
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cahir as flores
Ella me vê, e exhala, que ventura!
Dois suspiros de amor, e de ternura.

XXXIII.

Temi, ó Glaura bella, os teus rigores,
O duro coração, e o peito esquivo:
Cessou esse motivo dos temores,
Depois que me mostraste o puro agrado:
Ah! verei neste prado
Algum dia risonha a Primavera?
Doce prazer feliz minha alma espera;
Mas temo a sorte dura
Que inda pode roubar-me esta ventura.

XXXIV.

Ditoso, e brando vento, por piedade
Entrega á linda Glaura os meus suspiros;
E voltando os teus giros,
Vem depois consolar minha saudade.
Não queiras imitar a crueldade
Do injusto amor, da triste desventura,
Que empenhada procura o meu tormento.
Ditoso, e brando vento,
Vôa destes retiros,
E entrega á linda Glaura os meus suspiros

XXXV.

Sonhei que o duro Amor me conduzia
Da *Gávea* (*) ao alto cume :
Que de lá me arrojava o fero Nume,
E entre penêdos ſobre o mar cahia.
Cruel melancolía
Deſde então me apreſenta eſta pintura.
Ai, Glaura! quanto temo a deſventura,
E eſte ſonho terrivel, que ameaça
Triſte ruina, e miſera deſgraça!

XXXVI.

Deſejos voadores,
Levai á bella Glaura os meus gemidos;
Levai enternecidos mil amores
Neſta purpurea roſa :
E ſe a Nynfa cruel, e rigoroſa
Moſtrar algum receio;
Ah! deixai-lhe cahir no brando ſeio
Triſtes ſaudades, lagrimas dores.
Deſejos voadores,
De puro amor naſcidos,
Levai á bella Glaura os meus gemidos.

XXXVII.

(*) Alta Serra na viſinhança do Rio de Janeiro.

XXXVII.

Innocentes Paſtores,
Fugi, fugi de Amor, que vos engana:
Promette mil favores,
Em quanto aguça a ſetta deshumana.
Vós o vereis depois com furia inſana
Corações abraſar em vivo lume:
Vereis cruel ciume,
Ancias, cuidados, magoas, e temòres.
Innocentes Paſtores,
Fugi, fugi de Amor, que vos engana:
C'os lindos olhos da gentil Serrana.

XXXVIII.

Aura benigna, e pura, ſe eu podéra
Co' a magoa, em que deliro,
Mover o coração da ingrata, e fera...
Mas quem ha de levar deſte retiro
O meu terno ſuſpiro á bella Glaura?
Aura reſpondes, Nynfa, que me ouviſte
Do ſeio triſte deſſa brenha eſcura.
Aura benigna, e pura,
Ah! leva o meu ſuſpiro lagrimoſo,
E chegue a ſer por ti mais venturoſo.

XXXIX.

Fugi, triſtes cuidados,
Não he voſſa de Amor a bella palma:
Deixai-me reſpirar dos verdes prados
A ſuave alegria em doce calma.
Não turbeis a minha alma;
Fugi, triſtes cuidados:
Para fazer meus dias deſgraçados
Baſta a cruel Fortuna,
Cruel, iniqua, barbara, importuna.

XL.

Não tardes, bella Glaura,
Vem colher neſte prado as lindas flores:
Os riſos, e os Amores co' a leve aura
Do Favonio ſuave já te eſperão.
As Dryades deſcerão
Deſte boſque ſombrio, e cuidadoſas
Te preparão jaſmins, lyrios, e roſas.
Meu triſte alento, e meus fieis ardores
C'os teus olhos reſtaura.
Não tardes, bella Glaura,
Vem colher neſte prado as lindas flores.

XLI.

Em vão ſe esforce a ira
Dos fugitivos, ruinoſos annos;
Iſento de ſeus damnos
Seja o voto de amor, que amor inſpira.
Pendente fique a lyra
Neſte ramo frondoſo por memoria
Da minha triſte hiſtoria;
Que eu não verei o fim de tantos males,
O' Glaura! ó fonte! ó tronco! ó rio! ó valles!

XLII.

Glaura, mimoſa Glaura, deixa o monte,
Vem goſar a freſcura deſte prado:
Cahe o Sol deſmaiado
Entre pallidas nuvens no horiſonte.
O zefiro ſaudoſo, e namorado
Te eſpera, ſobre as azas ſuſpendido;
O meu terno gemido
Verás triſte, infeliz quaſi affogado
Nas agoas deſta fonte.
Glaura, mimoſa Glaura, deixa o monte,
Vem goſar a frescura deſte prado.

XLIII.

XLIII.

Suſpiros já cançados,
Repouſai por hũ pouco entre eſtas flores:
Glaura virá, e os candidos Amores
A goſar a belleza deſtes prados.
Cahe a ſombra dos montes ellevados:
Abranda o loiro Sol os ſeus ardores:
A flauta dos Paſtores
Reſpira alegre em echos alternados.
Suſpiros já cançados
Co' as minhas triſtes dores,
Repouſai por hũ pouco entre eſtas flores.

XLIV.

Não deſmaies, ó roſa;
Que naſceſte entre eſpinhos eſcondida
Conſerva a tua purpura mimoſa,
Até que ſejas d' outra mão colhida.
Glaura vem: puro zefiro a convida:
Virão com ella os Riſos, e os Amores
Colhêr no verde prado as lindas flores
Ornarás ſeus cabellos venturoſa:
Não deſmaies, ó roſa,
Conſerva-te eſcondida,
Até que ſejas d' outra mão colhida.

XLV.

XLV.

Entre flores as Graças vi hũ dia
A' sombra destes álamos frondosos:
Vi suaves prazeres amorosos,
E a Ventura, que premios repartia.
Glaura amante me ouvia;
Mas ah! que dessa gloria
Só existe a memoria, e o desejo!
Pois se Glaura não vejo neste prado,
Meu amor desgraçado em vão procura
As Graças, os Prazeres, e a Ventura.

XLVI.

O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah! leva os meus suspiros
A' mais gentil Pastora desses montes.
Não temo q̃ te enganes: prados, fontes,
Tudo se ri com ella:
Não he, não he tão bella,
Quando surge no Ceo purpurea Aurora;
O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah! leva por piedade os meus suspiros.

XLVII.

XLVII.

O inverno congelado
As montanhas cobrio de aguda neve:
Já nos humidos ares enlutado
Co' a noite ſe confunde o dia breve.
Ai, Glaura! que eſte prado
Deſpojado ſe vê das bellas flores!
Os Riſos, os Prazeres, e os Amores
Chorão por ti ſaudoſos;
Torna a fazer meus dias venturoſos:
Ah! ſe a gloria de ver-te hoje tivera,
Hoje meſmo ſería a Primavera.

XLVIII.

Vem, ó Glaura mimoſa,
O abrigo deſtes valles te convida:
Verás gruta eſcondida, e deleitoſa,
Que muſgoſa, e feliz teu nome aprende.
Benigno o Amor defende eſtes oiteiros:
Não temas os chuveiros,
Nem q̃ o raio eſtrondoſo as nuvens abra,
Tocando o Sol na *Cabra* luminoſa.
Vem, ó Glaura mimoſa,
Doce ternura, e vida;
O abrigo deſtes valles te convida.

XLIX.

XLIX.

Flexivel Jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores:
Favonio lisongeiro
Já torna a ver as Nynfas, e os Pastores.
Glaura vem; terno Amor, ah! q̃ favores
Não espera alcançar hũ puro amante?
Neste ditoso instante
Foge veloz o ardente Fevereiro.
Flexivel Jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores;
Que ellas hão de adornar os meus Amo-
(res.

L.

Ao longe a bella Glaura me apparece.
Não sei que resplendor nos ares vejo!
O coração, a lingua desfalece,
Entre suspiros vôa o meu desejo!
Em vão, em vão forcejo:
Piedade, Amor, soccorro;
Que de prazer, e de ternura morro.
E se este puro effeito ao longe sinto,
Ao perto... ó Ceos! q̃ imagens n'alma
(pinto!

LI.

Cuidados tragadores,
Deixai-me reſpirar hũ ſó momento;
Que em miſero lamento, e triſtes dores
Me vai fugindo a vida.
A ſombra da mangueira me convida:
O zefiro mimoſo, a fonte pura,
Tudo, tudo murmura de ſaudade!
O' doce amenidade! ó gratas flores!
Cuidados tragadores,
Deixai-me respirar hũ ſó momento;
Que eu já tórno infeliz ao meu tormento.

LII.

Em triſte ſolidão, onde o deixarão,
Gemia Philoctétes ſem ventura:
E ſó nas mesmas pontas, que o paſſarão,
Do ſeu damno cruel eſtava a cura.
Aſſim (ai! ſorte dura!)
Aſſim ſuſpiro, ó Glaura, aſſim lamento;
Pois no dia feliz, em que me virão,
Teus olhos me ferirão,
E neſte ardor violento
Só teus olhos abrandão meu tormento.

LIII.

LIII.

Tu és no campo, ó Rosa,
A flor de mais belleza
De quantas produzio a Natureza,
Que em tuas perfeições foi cuidadosa.
E se Glaura formosa
No seio dos prazeres te procura,
Qual outra flor será de mais ventura,
Ou mais digna de amor ou mais mimosa?
Tu és no campo, ó Rosa,
A flor de mais ventura, e mais belleza
De quantas produzio a Natureza.

LIV.

Aurora rutilante,
De quem foge assustada,
E triste, e desmaiada a noite escura,
Torne comtigo em carro de diamante
Do novo dia a luz serena, e pura.
Glaura espero... ó prazer! oh! q̃ ventura
Para o saudoso amante!
Aurora rutilante,
Vestida de mil côres,
Vem alegre animar os meus Amores.

LV.

O' Tempo! ó trifte Morte,
Por quem tudo fe abate, e fe arruina,
Cahe o Cedro mais forte,
E a foberba montanha o cóllo inclina.
O braço, que fulmina,
Sujeita o Mundo ao voffo horrivel corte.
O' Tempo, ó trifte Morte,
Glaura efpirou... quem julgará fegura
A flor, a tenra flor da formofura?

LVI.

Mortal fuadade, he efta a fepultura;
Já Glaura não exifte;
Ah! como vejo trifte em fombra efcura
O campo, que alegravão os feus olhos!
Duros efpinhos, afperos abrolhos
Vejo em lugar das flores:
Chorai, ternos Amores,
Chorai comigo a infaufta defventura:
He efta a fepultura:
Meu coração á magoa não refifte:
Glaura bella (ai de mim!) já não exifte!

LVII.

O' agoas dos meus olhos desgraçados,
Parai, q̃ não se abranda o meu tormento:
De que serve o lamento,
Se Glaura já não vive? Ai, duros Fados!
Ai, miseros cuidados! (*as.*
Que vos promettem minhas magoas? *ago-*
Agoas., responde a gruta,
E a Nynfa, q̃ me escuta nestes prados!
O' agoas dos meus olhos desgraçados,
Correi, correi; que na saudosa lida
Bem pouco ha de durar tão triste vida.

Rondó

AO AUTHOR.

TOma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Pa-

Para ouvir-te o Sol ardente
Frefca fombra nos procura:
O regato não murmura,
E a corrente faz parar.

Pelos ramos tortuofos
O filencio enfrêa as aves:
Brandos zefiros fuaves
Vem faudofos efcutar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Nefte prado a Glaura canta;
Ah! levanta a vóz divina,
E me enfina a fufpirar.

Se no bofque, ou nas montanhas
Ruge a onça d' ira acceza,
Tu lhe podes a fereza,
E as entranhas abrandar.

Do-

Doce o ſom dos teus accentos,
Como o mel, que a abelha cria,
Move a toſca penedía,
Onde os ventos vão quebrar.

Toma a lyra, Alcindo amado;
Neſte prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me enſina a ſuſpirar.

Aqui junto aos arvoredos
Deixa o palido receio,
E não temas do teu ſeio
Mil ſegredos arrancar.

Neſtes campos, neſtes valles
A calumnia, e o monſtro fero...
Mas, ó Ceos! para que quero
Triſtes males recordar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neſte prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me enſina a ſuſpirar.

Inda os olhos mal enxutos
De ſentir os teus amores,
Virão candidos Paſtores
Tenros frutos te offertar.

Virão Nynfas da floreſta
Loiras, brancas, e fermoſas;
E trarão jaſmins, e roſas
Para a teſta te enfeitar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neſte prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me enſina a ſuſpirar.

FIM.